



3 1761 06976864 6



Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

<http://www.archive.org/details/visionari00albu>

15



VISIONARIO

OBRAS COMPLETAS
DE
MATHEUS DE ALBUQUERQUE

Poesia

Visionario

Annos de Aprendizagem

Sensações e Reflexões

Carta a um Voluntario

As Bellas Attitudes

Trilogia de Amorasas

I — *Dora (ou o desejo de amar)*

II — *Margara (a que o amor salvou)*

III — *Nair (a que o amor perdeu)*

Musa Tacita

I — *A Juventude de Anselmo Torres*

II — *Do sentimento esthetico da vida*

III — *Memorial de um contemplativo*

Em francez

La Jeunesse d'Anselmo Torres

Editions Jonquières — Paris

L'homme entre deux femmes

Nouvelles Editions Argo — Paris

Evasions d'un poète

Emile Hazan, éditeur — Paris

Em espanhol

Margara (traducción y prólogo de R. Cansinos Assens)

Libreria Fernando Pé — Madrid

OBRAS COMPLETAS
DE
MATHEUS DE ALBUQUERQUE

VISIONARIO

ARIEL EDITORA L.^{DA}
RIO DE JANEIRO

[1935?]

PQ
9697
A45V5
19--



VISIONARIO

(1902-1905)

Caminho, em extase, cheio
Da luz de todos os sóes,
Levando dentro do seio
Um ninho de rouxinões.
E tanto brilho derramo,
E tanta musica espalho,
Que accordo os ninhos e inflammo
As gottas frias do orvalho.

.

— Só porque passo pensando
Em teu amor, a sonhar,
No ouvido e no olhar levando
Tua voz e teu olhar.

BILAC.

ALMA ERRANTE

Na collina da vida, imensa e desolada,
Sem a fina maciez das flores e dos ninhos,
O secreto rumor de uma voz encantada
Busco ouvir através dos asperos caminhos.

Vou em busca de um sol que na sombra se occulta,
De uma estancia feliz ondeando em searas de ouro,
Onde a louca legião dos meus sonhos exulta
Ante o brilho immortal de intangivel thesouro.

Clamo ! e ao triste clamor da minha voz anciosa
— Voz que o vento conduz num sussuro de prece —
Outra voz não responde — uma voz milagrosa
Que embale como um canto e brilhe onde anoitece.

Aos meus olhos se alarga a estrada erma e sombria,
E na sombra o rumor da minha voz se espalha...
Sombra sem causa e fim, nostalgica, doentia,
Que, de longe e de perto, o deserto amortalha...

Ó alma que procuro, ó essencia divina,
Onde sonho florir a graça do universo ;
Tu, mysterio, visão, fôrma dourada e fina,
Flamma que enche o meu ser em loucuras immerso ;

Alma vinãda da luz das estrellas serenas,
Como leve ruflar de azas cortando a esphera ;
Flor de aroma divino, ave de humanas pennas,
Aureo fruto de outomno e luz de primavera !

Em que valle encantado, em que estancia risonha
Se eleva a tua voz, alma immortal e errante,
Como a doce expressão do anelo de quem sonha
E nas azas do sonho erra em busca do amante ?

Em que virgem rosal ou capitosa vinha
Teu perfume subtil vaga á face dos ramos
E em volutas ascende ás arvores em linha,
Onde a pompa do sol tece flavos recamos ?

Qual a estrella mais clara entre a clara phalange,
No fastigio do céu, como um florão de prata,
Que, em caricias de estrella, o teu perfil abrange
E o tremulo clarão dos teus olhos retrata ?

Bebo a luz nas canções dos passaros em festa,
Sondo os niveos rosaes e os densos arvoredos,
E a magia dos sons, das rosas, da floresta
Tem um mesmo sabor, de implacaveis segredos...

No fulgor das manhãs sinto os gelos do inverno,
Como frios cristaes rolando de onda em onda,
E detendo a escadada olympica do eterno
Sonho que, em fogo, a terra e o céu percorre e sonda...

Desferindo no azul promessas e saudades,
Minha voz, por te amar, voa na aza do vento,
Para logo morrer na aza das tempestades,
Tão queixosa e subtil como um beijo e um lamento...

Onde palras, então, minha doce loucura ?
— Clara estancia aromal em que a turba divina
Dos meus sonhos, num vôo ás conquistas, procura
O vello de ouro occulto em decantada mina !

Os declives sem fim da montanha sombria,
Filho da solidão, no ardor do meu desvelo,
Escalo sem temor, por ti, sombra erradia,
Subo, em fogo a cabeça, os pincaros de gelo !

Em torno, desce o luto aos plainos do deserto,
Ás escarpas crueis da jornada sem termo ;
Nem o leve rumor de uma aza em rumo incerto
Passa e, como num sonho, agita as sombras do ermo.

Ao longe, todavia, a paizagem scintilla :
No cimo da collina, onde rebentam flores,
Canta a gloria da luz, a existencia é tranquilla,
E exulta a multidão dos bellos vencedores.

Só tu, fôrma encantada, ó alma casta e bella,
Não surges desta vida ao monte solitario,
Onde, como num mar, ao fragor da procella,
Vivo preso ao destino eternamente vario !

Mas, talvez procurando, ao longo das verebas,
O meu vulto na sombra, o teu radioso vulto
Alce a voz que possui a caricia das sedas
— Êsto vago e subtil, nas solidões occulto...

Em vão clamas ao longe ! Em vão ruge disperso
Este amor pelo mundo, esta ignorada flamma !
Nunca, emfim, te verei, pois se fecha o universo
Á clara vibração desta voz que te chama !

Em vão ! Sobre nós dois a colera suprema
Desce na aza da noite inscndavel e fria !
Mas, emfim, viverei de uma caricia extrema :
— Beijando-te na luz, no aroma e na harmonia . . .

BOHEMIO

Este, que aos lábios prende um riso crystalino
E nos olhos, em febre, as lagrimas estanca,
É da humana comedia o artista superfino,
Que, sem querer, seduz e acclamações arranca.

Rindo, numa expansão de eterna zombaria,
Pela graça do riso a satyra derrama
— Filigranas subtis, soltas, em pleno dia,
Ou dos astros á luz que o céu de ouro recama.

Peregrino do sonho, a errar de plaga em plaga,
Qual da humana ventura a imagem suave e bella,
É do mar da existencia a mais graciosa vaga
Que á flor do mar ascende, aos uivos da procella.

No beijo que lhe furta uma formosa boca
— Ou seja virginal ou seja peccadora —
Elle mata o fremir dessa bravura louca
Que os desejos accende, intensa e abrasadora.

Nas taças de crystal, translucidas e finas,
Onde o vinho espumeja, e effervesce a loucura,
Elle afoga da vida as maguas assassinas,
Elle as dores da vida em risos transfigura.

Póde o mundo gemer, nas trevas encoberto,
Póde o mundo cantar, cercado de esplendores ;
Clamem, chorem legiões de párias no deserto,
Estalem beijos no ar, celebrem-se os amores...

Ao verão, que de fogo as portas escancara,
Succeda o brando outomno, em que a fartura impera ;
Cesse o pranto do inverno, e rompa, núa e clara,
E o céu e a terra inflamme a luz da primavera...

Estandartes de heróes, aos ventos estendidos,
Passem, levando o mundo á furia dos combates ;
E, aos hymnos de victoria e ás pragas dos vencidos,
Corra o sangue, a ferver, em rios escarlates...

Aqui troveje a guerra e o sangue em rios corra,
Ali floresça a paz nos ramos de oliveira ;
Viva um sonho a cantar sempre que um sonho morra,
E na treva e na luz palpíte a vida inteira :

Aos rumores do mundo, assim, na febre insana
Que o devora, de rir, allucinada e brava,
Elle tranca a sua alma, essa alma que se ufana
Do amor que a desespera — alma do amor escrava !

Fino artista do Riso estridulo e nervoso,
Riso — claro rosal aberto a um sol festivo,
E por onde, a cantar, vôam, de pouso em pouso,
Aves de plumas de ouro e olhar imaginativo ;

Fino artista do Riso, afoga a dôr nefanda
— Inferno em que se agita e morre pouco a pouco ! —
E o mundo, que o vê rir, ah ! não sabe que elle anda
Como um poeta a cantar e a chorar como um louco !

EVOCAÇÃO

I

Hoje vendo que outrora um bando de chimeras,
Tão garrulo e gentil, me dourava a existencia,
Como as aves de um céu de ardentes primaveras
Sonorizam vergeis em plena florescencia ;

Recordando da vida a quadra bem amada,
Em que agitam nossa alma uns delirios de louca,
E o coração se inflamma, e, em doída revoada,
Dos beijos a phalange harpeja em nossa boca ;

Abandonô-me a ouvir, num extase de prece,
(Na purpura do occaso o sol sangrento e frio ;
Por toda a parte, grave, a paz do que adormece,
Num vago murmurar de mysterioso rio...)

Suavemente cantar nas ruinas de um castello,
Da côr de ouro e de azul que dantes elle fôra,
Ave de aurea garganta um cantico singelo
— Talvez threno de amor de uma alma soffredora.

E dessa ave gentil nos lyricos queixumes,
Ali, na solidão do ninho abandonado
— Abrigo da tristeza, escampo, sem perfumes —
Minha alma julgo ouvir cantando o seu passado.

Então, na placidez do mystico sudario
Que desce lá do azul e os campos amortalha,
Docemente baixando ao pouso solitario,
Tua imagem um luar de saudades espalha...

Tu vens, pulchra Vestal, branca visão alada,
Milagrosa visão de brilhos e carinhos!
Scintilla em teu olhar a gloria da alvoraça,
Gorgeia em tua voz o festival dos ninhos.

O teu meigo perfil de Dama soberana,
Expondo-se da luz aos fulvos raios mornos,
Encerra a perfeição de uma obra sobrehumana
Na graça esculptural dos limpidos contornos.

Envolve-te um sendal de pallida turqueza,
Com recamos, em flôr, de perolas e opalas;
Uma idéaliação de mystica princeza
Resplende e exalta em ti, como em nupcias de galas.

Eu te vejo sorrir num esplendor de santa
Que desce de um paiz silencioso e risonho;
E ao ver-te assim sorrir, minha alma exulta e canta
E vae de céu em céu, indo de sonho em sonho...

E, cantando, relê, de folha em folha, o poema
Onde eu cantava outrora, em finas lyras de ouro,
O nosso grande amor, essa paixão suprema,
Bella como um trophéo, farta como um thesouro.

II

Não te lembras, ó Flor ? Rompia a aurora em festa,
No sereno esplendor dos dias matizados ;
Cantava a natureza e do alto da floresta
Vinha um doce rumor de ninhos agitados.

De uma em uma fugindo, as últimas estrellas
Extinguiam-se então num tremulo desmaio ;
E saudavam, cantando, os passaros — ao vel-as
Fugir assim — do sol o seu primeiro raio.

O velludo do campo, a relva de esmeralda,
Onde ria o perfil da tua casa branca,
Era como o sendal que o grande céu desfralda,
Quando, transfigurado, o inverno o choro estanca.

Primavera no céu amplissimo e radioso,
Primavera na terra — uma alvorada em flor!
Céu e terra a vibrar de fecundante gozo,
Mostrando em cada beijo a victoria do amor.

Divina apparição de um claro paraíso,
Emanaste da luz que a todo o mundo inflamma.
Ah! que doce calor na luz do teu sorriso!
Quanto beijo a sahir dos teus olhos em chamma!

Como surge o luar em negros céos remotos,
Sorrindo ao coração das flores do deserto,
Surgiste para mim, eburnea Flor de lotus,
E a estancia appetecida avistámos de perto.

Nesse recanto azul e silencioso erguemos,
Como artistas de lenda, ao meio de pomares,
Um ninho de jasmims, lyrios e chrysanthemos,
Alvo, nobre, ofuscando a prata dos luares.

Era um lindo castello erguido entre esplendores,
Recordando um primor de graça bysantina,
De marmore luzindo em fulgidos labores,
Com essa irradiação que os sonhos illumina.

Dentro, sob um docel de flores e de plumas,
Tinhas uma feição de santa e de rainha
— Estrella de outro céu, fantastico, sem brumas,
Descida ao mundo vil para grandeza minha.

Em torno, era um festim soberbo e namorado
De passaros no albor das madrugadas claras ;
Na propria luz do sol, no espaço alcandorado,
Cantava um madrigal de vozes as mais caras.

E, sem lagrimas vãs, o nosso amor vivia,
Das terrenas paixões fugindo ás negras lavas :
O beijo que eu te dava a tua alma nutria,
E a minha alma nutria o beijo que me davas.

III

Bem longe desse pouso amado e inattingivel,
Em baixo, no rugir de um mar immenso e bravo,
Um mundo se agitava, ás dôres impassivel,
Na furia das paixões crueis de que era escravo.

Mergulhava do mal no rubro sorvedouro
E emergia do mal, mais humano e perfeito,
Nas implacaveis mãos erguendo a taça de ouro,
Onde a vida fervia — um temporal desfeito!

Que nos valia, ó Flor, o atroz viver humano,
Em baixo, nesse ondear intermino e fremente,
Si lá no alto pairava, intemerato e ufano,
Do nosso grande amor o espirito immanente?

Si uma patria idéal, estranha e luminosa
— Doce terra da Paz, sem macula nem grita —
Floria no clarão dos teus olhos, formosa,
Cujo intenso fulgor meus sonhos resuscita?

Mas ai! (só em lebrar-o, a alma se me espedaça!)
Quem tem uma illusão que a sorte não desmanche?
Quem um sonho nutriu que o sôpro da desgraça
Não votasse ao furor de tragica avalanche?

Ergueu-se um dia a vaga horrenda e espumejante
E daquelle solar varreu toda a ventura.
Ó seculos de angustia, ó tormentoso instante
Em que partimos sós, tão cheios de amargura!

Tudo rolou então por sobre os nossos sonhos
— Paiz que uma legião de barbaros povôa ! —
E onde flores houvera — ha mattagaes tristonhos,
E onde houvera canções — um fundo chôro echôa.

Exillados da patria azul da Fantasia,
Que, vencida, rolava ás mãos dos vencedores,
Parlimos, repelindo ao vento, que gemia,
Toda a nossa illusão desfeita em dissabores.

E o vento, que era um chôro estranho e commovido,
Espalhava o clamor dessa desdita immensa,
Como a voz de um fantasma, em lugubre gemido,
Celebrando na noite os funeraes da Crença.

Mas a noite se estende. O som mavioso e brando
No castello emmudece : o passaro se cala.
E minha alma, que andou nas alturas cantando,
Nos abysmos da dôr novamente resvala.

No entanto, para o teu regresso o azul se estrélla,
E para te seguir na escalada divina,
Transmudo esta canção, que é lagrima singela,
Na eterna irradiação que os sonhos illumina.

RESURREIÇÃO

(ATRAVÉS DE UM SONHO)

Sombras em turbilhão, sinistros pesadelos,
Cadáveres de sonho, imagens de agonia,
Em luto pelo fim de amores e desvelos,
Eu, ao vê-los passar, ou chorava ou gemia.

Eram tristes legiões desfilar em surdina,
Na escampa solidão, na paz do campo santo,
Onde, em fogo maldito, a colera divina
Amortalhou meu sonho e me cobriu de espanto...

Como louca avalanche, a rolar das montanhas,
Amplas searas em flor, riquissimas, devasta,
Varreu do meu paiz, em convulsões tamanhas,
Os pomos de ouro fino a torrente nefasta.

Desceram sobre mim, vindas de escuras plagas,
Num cortejo infernal de barbaros guerreiros,
Tropas pedindo sangue, hostes lançando pragas
Ao castello da fé nos sonhos derradeiros.

Aos vermelhos pendões de guerra desfraldados
Em terra e sobre o mar, á flor de alvas espumas,
As turbas varonis, em canticos e brados,
Marcharam, no esplendor das lanças e das plumas.

E por toda a extensão dessa encantada terra
De pomares em flor, de limpidas cascatas,
Fez-se ouvir o clangor das buzinas de guerra,
Do coração do oceano ao coração das mattas.

Fogo — subindo o espaço em rutilas serpentes !
Sangue — banhando a terra em diluvios vermelhos !
Ah ! céos, rígidos céos ! ficastes inclementes
Ás supplicas que então vos diriği de joelhos !

Castellos de crystal de transparente alvura,
Que a alegria do sol, cantando, illuminava ;
Monumentos varando a limpidez da altura,
Soberbos nas manhãs de luz serena e flava ;

Muralhas e torreões, thesouros e mesquitas,
Dourados bergantins de flammulas ao vento ;
Valles primaveris, florestas infinitas,
Com raizes de luz como as do firmamento ;

Todo o regio fulgor das finas maravilhas,
Que o sonho a levantar passara tantos annos,
Tudo a onda varreu, como de estranhas ilhas
Reinos de pompa astral varrem mares insanos !

Raivosas, enchendo o ar de clavas e de alfanges,
De incendios ao clarão, ao reboar das trombetas,
Venceram tudo, enviando, as ríspidas phalanges,
Aos destierros sem fim rebanhos de calcetas...

Estrangulando a paz dos meus dias risonhos,
Deixaram-me sem luz os féros invasores :
E eu despira na treva a tunica dos sonhos,
E eu rasgara na treva a syrma dos amores.

Sobre as ruínas, então, que o solo amortalhavam,
Pois que era um campo santo o meu paiz formoso,
Em surdinas de angustia, as sombras desfilavam,
Á noite, sob um luar de nevoas, doloroso...

E eu, ao vel-as passar — visões contristadoras
Dos meus dias de amor, das esperanças mortas —
Bradava ao céu pedindo as graças redemptoras,
E o céu, ao meu clamor, trancava as aureas portas.

Chegaste ! E, á tua vinãa, as azas desdobrando
No azul, e ás mãos trazendo uns rutilos diademas,
De anjos, sobre nós dois, baixou ruidoso bando,
Entre nuvens de aroma e irradiações de gemmas...

Resurgir ! resurgir ! — dos sonhos, em revoada,
Bradou dentro de mim a turba aurea e divina.
Bemdita sejas tu que arrancaste do nada
Este mundo idéal que ao sol já se illumina !

Olha : por toda a parte a fortuna de outrora
As grandes portas abre aos palacios festivos ;
Vibra, em côro marcial, a musica da aurora,
Zumbe um enxame, no ar, de galas e attractivos.

Vê : hontem era treva este imperio bemdito,
Donde agora o fulgor de um noivado se alteia ;
Na sagração do amor immaculo, infinito,
Este dominio azul, celestial pompeia.

Eis o nosso universo, onde o infortunio cessa
E renasce da vida a gloria soberana !
Cantam rios de sol na Terra da Promessa
E dos sonhos triumphaes desfila a caravana.

Ostentemos, divina, aos olhos deslumbrados
Do mundo, este esplendor de paz indefinida !
Vamos, dentro da luz, unidos e sagrados
Pelos beijos de amor, glorificando a Vida !

IMAGENS

MALDIÇÃO

Como um choro infernal de victimas errantes,
Freme, raivosa e bella, a voz da Natureza.
Exprimem fogo e gelo as maldições vibrantes
De velha Divindade em coleras accesa.

Porque, céos, a procella aos pallidos semblantes
Dos vencidos arranca a imagem da Belleza,
E os valles da Saudade e as searas ondulantes
Transforma, da Promessa, em barbara aspereza ?

Vibra em tudo a expressão de assombros e gemidos,
Onde erra do meu Sonho a imagem dolorosa,
Na transfiguração do sonho dos vencidos.

E, sem que a Natureza escute o meu reclamo,
Do humano sofrimento a musica assombrosa
Pela sagrada voz dos symbolos derramo.

EXODO

Azas angelicaes, abertas no infinito,
Numa palpação de tristeza sonora,
Leves, sem um tremor, uma lagrima, um grito,
Meus sonhos e meus ais unidos vão-se embora.

Castellos côr do céu, verdes pomares, fito
O turbilhão da noite amortalhando agora...
Azas mansas, buscae outro ramo bemdito,
Que é findo o vosso idyllio entre os hymnos da aurora.

Claros dias de sol, noites brancas de esio,
Alma que tanto amei, beijos soltos em chamma,
Levados pelo vento a serenar procellas !

Adeus ! A sombra desce, e na sombra erradio,
Meu olhar vosso rastro em lagrimas acclama,
Sob o limpido olhar saudoso das estrellas...

TEU NOME

Desse poema gentil, que de um breve sorriso
E de um radioso olhar fez a dourada trama
Por onde me transpuz a um novo paraíso,
Na célebre carreira anciosa de quem ama ;

De tudo que viveu, e que me martyrizo
A lembrar, de saudade immerso em branda chamma,
Resta apenas, ao longe, um vislumbre indeciso,
Uma restea de sol que inda me inspira e inflamma.

Esta recordação, tão suave e tão sentida,
Levanta-se do pó das ruínas apagadas
E enche-me, a palpitar, a solidão da vida :

— Teu nome — que me vem de românticas éras,
Repellido na voz de lyras encantadas,
Como um symbolo em flor de eternas primaveras.

NO CAMPO

Nesta flórea região da patria amada e bella,
Onde cessa o fervor da gloria appetecida,
A existencia parece uma aurea caravella
Que beija a aguas de rosa a face adormecida.

A alma que vem de longe e a barbara procella
Do odio e o clarão do amor, numa incessante liða,
Traz no seio revólto — aqui se lhe revela
A verdade, a belleza, a paz, o amor, a vida.

A imagem da concordia em tudo resplandece,
O puro coração dos simples adormece
E na morte não tem sequer um vão lamento.

Só o occulto clamor de um peito miserando
Aqui se não acalma, embalde supplicando
O silencio, o repouso, o somno, o esquecimento...

NOCTURNO

A noite, para mim, que a volupia encantada
Das scismas lhe desfruto em meu recolhimento,
Não tem, quando lhe vejo a cupula estrellada,
Dos symbolos de amor o mago encantamento.

Todo o poema immortal que a lyra enamorada
Dos menestreis entôa ás satyras do vento :
— Corações a bater a unisona pancada —
— Bocas a repetir o mesmo juramento —

Não mo suggere a noite em seu negror profundo.
Na muidez sepulchral com que nos acobarða,
Ella se me afigura o carcere do mundo :

Chumbando nas galés ephemerass e bellas
Os reprobos que têm, para os rondar, a guarda
Longinqua, solitaria, errante das estrellas.

AS ONDAS

Só, do mundo fugindo ás perfidas cadeias,
Transponho da verdade as portas luzidias
— Neste cómoró nú de alvissimas areias
— Ante o rouco ulular destas ondas bravias.

A tarde cáe. O vento amaina. E, em vozes cheias
De eternas vibrações eloquentes ou frias,
Pela boca gentil de todas as sereias,
Alternam cantos e ais as cousas fugidias...

Contemplo : as ondas vêm cantando e soluçando,
Vêm com ellas o amor, a colera, a piedade,
A dôr, o crime, a gloria, em flores rebentando.

Todas voltam, porém, depois da lição insana,
E, como a alma do poeta, apenas a saudade
Fica da espuma vã sobre a tragedia humana.

AS PORTEIRAS

Solitarios perfis de esquecidas porteiras,
Pelas estradas reaes rudemente plantados !
Quantas vezes não sois visões alviçareiras
Aos que, buscando um bem, correm malditos fados !

Quantas pesadas mãos, quer alvas, quer trigueiras,
Vos não fazem sofrer nestes asperos brados,
Onde, a gemer, talvez, por bosques e clareiras,
Uma alma se desprenda aos ventos assustados !

Abris o vosso seio ás almas erradias,
Que, em paga, arrancam delle essas pragas sombrias,
Deixando-vos a sós nas tristes solidões.

Das gentes vós maltrata o orgulho soberano,
Mas não clameis jámais contra o desprezo humano,
Porque, de igual destino, ha muitos corações.

AS FLORESTAS

Entro, como num templo, o seio das florestas...
A feição de quem traz um mundo sobre os hombros,
Meu ser, que tem o porte esguio das arestas,
Pára, ante esta mudez de tragicos assombros!

O perpetuo rumor dos risos e das festas,
Longe, nas multidões cheias de desassombros,
Canta, unido ao bramir das coleras funestas
Dos que passam na vida em meio só de escombros.

E aqui, esta opulencia, estas arvores santas,
Esta fecundidade intermina das plantas,
Onde não chega o pó de humanas ruínas !

Alma ! em face do mundo onde em vão te exasperas,
Blinda-te, recordando as primitivas éras,
Na eloquente mudez das florestas sombrias !

OS VALLES

ando, á luz vesperal das grandes nostalgias,
na, na solidão dos valles te emmaranhas,
na saudade vem, nas sombras erradias,
cebrar-te a doce paz, de paragens estranhas.

ém descamba o sol, lembrando as agonias
o Christo sonhador nas sagradas montanhas,
a queda fatal das épocas sombrias
o vicio a devorar reconditas entranhas.

Então, desentranhando as dôres mais secretas,
Julgas, anciosa, ouvir fatídicas trombetas
Como em juízo final aos mortos conclamando...

E sentes do teu seio aos valles mysteriosos
A turba resurgir dos sonhos vaporosos
— Tua gloria sem par no mundo miserando.

AS MONTANHAS

Subo, como um pagão — a alma de artista accesa
Da luz na embriaguez que em torrentes se espalha —
Ás montanhas : e a vista offusca-me a grandeza
Desta gloria, e não ha gloria que tanto valha !

Verão. Fulge, abrasada, a amplissima turqueza
Deste céu tropical que os sonhos agazalha.
Verão. Fuzila o sol. Por toda a natureza
Arde a orgia do fogo em rutila batalha.

Orgulhoso e feliz, o olhar preso na altura,
Quente o sangue de febre a mais ardente e pura,
Como quem ascendeu da vida á alta montanha ;

Tendo-te ao lado meu, sem magua e sem receio,
Teu amor para mim é como um rio cheio,
Onde todo o meu ser livremente se banha.

CANÇÃO DE INVERNO

verno. O temporal, colerico e bravio,
trame, sinistramente, em lagrimas desfeito.
que tédio ! que torpor ! que solidão ! que frio !
quanta neve a cahir sobre este ancioso peito !

descem do céu á terra as lagrimas do inverno,
sobem da terra ao céu os queixumes dos párias.
a terra é negro exilio, e o céu, marmoreo e eterno,
não se abrandã ao clamor das vozes solitárias.

Das montanhas de neve o vento em choro clama
E passa amortalhando as arvores vizinhas.
No espaço a multidão das folhas se derrama,
Num revólto esvoaçar de tristes andorinhas.

Tremem os pinheirões aos gritos da procella,
Cujo pranto nefasto inunda a terra inteira.
E a colera de Deus, tão tragica e tão bella,
Tem do fogo e do gelo a expressão verdadeira.

Ninguém... Cheia de dor, de supplica, de espanto,
Minha tremula voz na densa treva exclama,
E em vão sonda o mysterio, e morre no alto, emquanto
No alto se desenrola o pavoroso drama...

— Onde estás, meu amor? Que sopro intenso e frio
Te impelliu para longe e o corpo te consome?
Ao teu maguado olhar e ao meu olhar sombrio
Quem a noite estendeu do martyrio sem nome? —

Sob o frio rigor do inverno escuro e bravo,
Longe do meu desvelo, embalde a voz levantas :
Na tua alma deserta um fino raio flavo
Não penetra a vencer a dôr que não supplantas.

E eu — imagem da magoa — em neve amortalhado,
Tiritando de frio, em vão levanto os braços :
— Onde estás, meu amor, meu sol de ouro sagrado ? —
E morre a minha voz nos rígidos espaços.

Mas um dia virá em que os ramos e os ninhos,
Sob a larga turqueza ondeante e luminosa,
Despertando ao rumor de beijos e carinhos,
Zombarão da invernial algidez dolorosa.

E ao vir do novo sol primaveril e brando,
Do seio maternal das arvores immensas
Nossas almas voarão, intrepidas, cantando,
Nas azas triumphaes do destino suspensas.

— Onde pairas, amor? Em que frio desterro
Anda agora a tua alma a procurar minha alma? —
E por ti, miserando, eu vago de erro em erro,
Sem achar pelo mundo a ambicionada calma.

E vêm do céu á terra as lagrimas do inverno,
E vão da terra ao céu os queixumes dos párias.
E a terra é negro exílio, e o céu, marmoreo e eterno,
Não se abranda ao clamor das vozes solitárias.

PAIZAGEM ESPIRITUAL

Primavera. Manhãs velludosas e flavas
compendo a densidão dos algidos nevoeiros ;
essas que, enternecida ás lagrimas, lembravas,
trocarmos no inverno os beijos derradeiros...

Manhãs de cujo seio a luz nasce vibrando,
nos prados ondula, e corôa as folhagens,
em mil castellos de ouro as nuvens transformando
sobre a verde extensão dos pincaros selvagens...

E azas, nuvens, clarões, perfumes e rumores
Indo, na vibração da natureza em festa,
Do recanto aromal da alma dos sonhadores
Á densa ramaria umbrosa da floresta...

Chegas! e no meu sonho astral de visionario
Recordas o esplendor dos marmores hellenos,
Onde a alma pagã de um antigo estatuario
Vibrasse em deuses nús, heroicos e serenos.

No seu desiumbramento, a visão se dilata :
Novas terras e céos de novos paraísos
Estendem-se do sol na fulgida cascata.
Entre silvas azues, do alvor dos teus sorrisos

Jorram, de extremo a extremo, e vão encachoeirados
Rios de leite e mel, no arminho das espumas
Envolvendo o rumor dos beijos namorados.
E coroadas, ao sol, de flammulas e plumas,

Triremes a povoar uns mares fabulosos,
Onde, em élos de sons de impalpaveis cadeias,
Se funde a branda voz de pares amorosos
Ao cantico nupcial de lyricas sereias.

Do teu macio olhar rebentam primaveras,
Com sussurros de amor palpitando nos ramos
E a alada multidão que desce das espheras
Ao luminoso exílio em que nos adoramos.

Claras fontes rolando em ondas de alva opala,
Beijos, fulgurações, saudades de outros climas,
Teu soberano olhar, sem lagrimas, propala,
Na gloria das manhãs alacres de vindimas.

E além, como um crystal por leves mãos ferido,
Cuja sonoridade ascende ao firmamento,
De flauta peregrina um tremulo gemido
Revela á branda luz, espalha ao brando vento,

Na suave ondulação da ascendente harmonia,
O encanto espiritual que o nosso amor encerra,
E as lípidas canções que rimo, dia a dia,
Dos idyllios do céu aos lamentos da terra.

Assim te vejo e acclamo, ó Flor maravilhosa!
Como em claro horizonte a sombra de uma vaga,
Desliza no meu sonho, em vaga de ouro e rosa,
— Fumo que a aura conduz, chamma que o vento apaga...

NUPCIAS

I

Quando eu parti, si o vento soluçava,
Como a voz de quem deixa seus amores,
A febre lhe occultei, que me inflammava,
Poupando ao mundo vão meus vãos clamores.

De longe eu vinha : e o fogo que abrasava
Minha alma trabalhada pelas dôres,
Deixou de arder nessa floresta brava,
Para do rude chão brotarem flores...

Fogo, sêde, paixão, febre, loucura,
— A eterna chamma, o sonho indefinido,
Que um bem por entre lagrimas procura ;

Vencendo a desfortuna que o gerara,
Floriu, frutificou, do amor vencido,
Á beira de uma fonte amena e clara.

II

Tu foste um anjo de misericórdia,
Alvíssimo pendão da minha paz,
Sorriso, beijo e abraço de concordia,
Num conflicto voraz.

Que latego feroz me flagellava,
Na treva e no silencio da prisão,
A alma, que a propria fé tornara escrava,
Na ancia de perfeição !

E um gesto só bastou ! fez que florissem
Rochas — e dessas rochas veio a flor,
Para que em suas petalas se vissem
Sómente élos de amor. . .

Salve, libertadora ! salve, essencia
Da oliveira symbolica da paz,
Ha tanto reclamada na inclemencia
De um conflicto voraz !

III

Velha imagem do amor tyrannamente vario,
Nossa alma vive em luta, alegre e dolorida,
Pois neste mundo vão, febril, tumultuario,
Anda sempre a ventura á desventura unida.

Seja o universo inteiro, ao olhar visionario,
A ditosa expressão da terra promettida,
E nelle ha de imperar, no intermino fadario,
A dôr universal, sem fim, da propria vida.

Bem sei que o humano amor de lagrimas se nutre !
Ah ! nós vemos, não raro, azas negras de abutre
Maculando a innocencia azul do firmamento.

Amemo-nos, querida ! amemo-nos, embora
Seja amor de alegria uma constante aurora,
Ou a noite glacial de um sacrificio lento ...

IV

Nessas tardes, amor, tão brandas e tão finas,
De lyrios estrellando os valles e as collinas
E occasos a lembrar pastores e balladas
Nas biblicas regiões das conquistas sagradas ;
De um mysterio sem sombra, um mysterio inaudito,
Feito de aroma e luz, descendo do infinito
E derramando na alma, em placido abandono,
O vinho da saudade e a embriaguez do somno ;
— Branco, desse pallor purissimo da neve,

Teu vulto de Madona, aromatico e leve,
Vem das esferas de ouro e aos meus olhos resvala
Sobre a flórea maciez da senda côr de opala,
Em cujo extremo, sob um velario de estrellas,
Resistindo á batalha infrene das procellas,
Com doçuras na voz ergo um culto risonho
Á imagem da Belleza, ao symbolo do Sonho.
Passas, branca e subtil, na aureola soberana,
Mais santa que mulher, mais divina que humana.
E a essencia do meu ser se evapora a teu lado,
Como um beijo immortal, sem fogo e sem peccado...

V

Longe de ti, si vejo, porventura,
Um passaro descer do firmamento,
Que elle de ti me vem se me afigura,
E em seus gorgeios o teu pensamento.

E tudo : ondas do mar, campos floridos,
Arvores, ninhos, ventos sussurantes,
Calando seus anceios, seus gemidos,
Tudo lhe escuta os canticos vibrantes.

E a argentea voz do alado mensageiro,
Onde a tua alma em flor se manifesta,
Entra-me na alma como alviçareiro
Raio de sol no seio da floresta.

Mas, em voltando o passaro que vòa,
E no teu coração fazendo ninho,
Diga quanto me punge e me magõa
Desta saudade amiga o brando espinho.

VI

Já viste, amor, na placidez dormente
Da superficie cãdida de um lago,
Tontas, brutaes, roçaram rudemente
Azas ebrias da luz de um céu presago ?

Ferve o marulho ; e o floco alvinitante
Das espumas, do somno bello e mago
Emergindo, nos lembra, de repente,
Todo um mar de paixões, dorido e vago.

Assim, no lago azul do pensamento,
 Onde, tranquillo, o espirito que sonha,
 Se debruça a scismar, sem vão tormento,

Não raro, qual zumbir de vento aziago,
 O passaro da duvida tristonha
 Passa e perturba a mansidão do lago...

VII

Abro a janella e vejo o firmamento
Puro, risonho, limpido, estrellado.
Ouço a velha canção do brando vento
Por todo o azul do páramo sagrado.

Penso ; e firmando em ti meu pensamento,
Sonho a ventura excelsa de um noivado,
E as mais formosas paginas invento
Desse poema de amor immaculado.

Vejo, através do sonho errante e lindo,
Com a visia enamorada de quem ama,
Teu claro vulto para mim subindo.

E unidos vamos á serena altura,
Emquanto o céu de estrellas se recama
E o doce luar romantico fulgura.

VIII

Essa formosa e senhoril varanda,
Onde o teu vulto pallido se inclina,
Lembra-me sempre a antiga e veneranda
Lenda de amor que os seculos domina.

Quando, á nocturna claridade branda,
Ella de lado a lado se illumina,
Alma, por quem minha alma em sonhos anda !
Completa-se a illusão que me fascina.

Do rouxinol repete se a balladã
No poema dos teus olhos eloquentes,
A que me elevo em luminosa escada.

Nós dois, sem mais ninguém, na noite fria,
Somos a encarnação daquelles entes
Que o luar de Verona protegia...

IX

Quando da vida os amplos horizontes
Rasgaram-se aos meus olhos, como fontes
Donde surge a verdade soberana,
Era meu vulto mystico e sombrio
Uma palmeira núa em chão bravio,
Symbolizando a desventura humana.

— Alta palmeira brava,
Que, em pleno sol de estio,
A neve coroava.

Hoje que, sob um sol de maravilhas,
Corres ao meu encontro, e um chão palmilhas
Illuminado de clarões divinos,
Na gloria da alegria que me inunda,
Em tuas mãos sou arvore fecunda,
Sou floresta de frutos purpurinos.
— Floresta dos que se amam,
E que, em perpetuos hymnos,
Os passaros acclamam.

X

Verdes mares sem fim, céos transparentes,
Frondes — patria de ninhos e cantores ;
Claridades de auroras e poentes,
Melodias de avenas e pastores ;

Raios que fecundaes, claros e quentes,
A terra virgem ; lyricos rumores
Das noites brancas ; cytharas gementes,
Pulsando em meio de velludo e flores ;

Ó lua, que as estrellas arrebanhas,
Rios, florestas, valles e montanhas,
Auras que sussurraes num doce arpejo ;

Ó natureza de immortaes encantos,
Ouvi : pleno de anhelos e de espantos,
Cantou-lhe á boca o meu primeiro beijo !

TRANSFIGURAÇÃO

Eu era nesta vida uma arvore isolada,
Da terra culta e bella um selvagem producto,
Uma arvore bravia, entre arvores plantada,
Que tinham — ai de mim ! — na esplendida ramada
O perfume da flor e a seducção do fruto.

Só, do rude perfil de antiga prisioneira,
Não sei que maldição baixara sobre mim !
Encerrava, talvez, na paz da vida inteira,
O castigo fatal da culpa derradeira,
Como um veneno esparso em taças de um festim.

Só no meu desamparo, indifferente á gloria,
Ao brilho universal da vida ardente e bella,
Eu, da vida perenne a sombra transitoria,
Era, talvez, em tudo a macula irrisoria,
Como da eterna dor a negra sentinella.

Á minha sombra infausta, um balsamo ás fadigas
Das jornadas, ninguém viera pedir jámais ;
Nem das aves eu tinha os ninhos e as cantigas
— A alma ingenua que anima as arvores amigas,
Quando o sol lhes aquece os seios maternas.

Nas noites de luar de lyricos rumores,
Si o vento me roçava a densa ramaria,
Não lhe achava a doçura errante dos amores
Que elle, em beijos, revela ao coração das flores,
Como um sonho a correr do valle á serra.

E de longe me vinha a musica serena
Dos pastores galgando os cimos do alcantil,
Resumiada na voz de decantada avena,
Quando a terra ficava em grande paz amena,
Na paz espiritual dos occasos de abril.

Tudo, em redor de mim, como num sonho andava :
Dos homens a canção, dos passaros o idyllio,
A terra em flor, o mar sem furia, o céu sem lava...
E a luz original, que em tudo palpitava,
Só não via o negror do meu tão longo exilio.

Quanta vida, entretanto, enchia-me as entranhas !
Que ancia de abrir ao sol meu seio virginal !
Que sêde de vibrar, sentir fortes e estranhas
Emoções, e de unir, da altura das montanhas,
A esse poema de luz meu canto triumphal !

Às vezes, desvairada, os ares imprecando,
Si o mundo da procella uivava pela boca,
Queria que de um raio a colera, baixando,
Em cinzas me tornasse o vulto miserando,
Na febre de extermínio, allucinada e louca.

De resto, era a loucura ephemera. Calmada,
Sentia-me ditosa, enfim, na solidão...
E, altiva, indifferente, immovel, socegada,
Si me não desfolhava o gelo da invernação,
Tambem me não queimava o fogo do verão.

Mas o teu grande amor, o amor dos meus amores,
Como benção do céu, transfigurou-me, um dia !
Ançava a Primavera esparsa nos fulgores,
Nas azas, nas canções, nas essencias, nas côres,
Como um sôpro de Deusa em taças de ambrosia.

E dessa embriaguez dos elementos suaves,
Do limpido frescor dessa festa pagã,
Uma parcella errante e alada como as aves
— Um raio de sol no crepusculo das naves —
Fez-me da muda treva idyllica manhã.

Fecundada, do cimo ás intimas raizes,
Pelo pollen de luz cahido no meu seio,
Flores deram-me logo os mais finos matizes
E frutos do sabor de remotos paizes,
Cuja recordação produz ditoso enleio...

Ó passaros que atraio ! Ó noivos que abenço !
Vêde esta pompa de ouro em frutos virginaes,
Esta fronde opulenta, aberta ao vosso vôo,
Esta sombra aromal com que vos galarðôo,
Para a celebração dos vossos esponsaes !

Peregrinos, que andaes num secular transvio !

Almas, que o mundo encheis de pragas e reclamos !

A mim ! que de mim corre um luminoso rio

— O pão dos que têm fome, o sol dos que têm frio —

Nos frutos deste amor, na gloria destes ramos !

APPENDICE

ODE CIVICA

(NA MORTE DE MARTINS JUNIOR)

Musa, um vasto clamor de magoa soberana,
Da cidade sem calma á placidez serrana,
Perturba o coração desta formosa terra !
Como o oceano a fremir pela voz de uma vaga
Que o revolve e domina, e vem de fraga em fraga,
Dando aos beijos da luz as perolas que encerra.

Nasce de cada peito a angustia clamorosa,
E onde um sonho espalmava as azas de ouro e rosa,
Abre as azas de luto a morte deste sonho...
E a immortal expressão do mortal sofrimento,
Transbordando da terra, ergue-se ao firmamento,
Termo da desventura, amplissimo e risonho...

Na terra — um turbilhão, nos céos — um grão de areia,
Embora! a onda sem fim, que as almas encadeia,
Asylo encontrará na etherea solidão :
Atomo escasso e vil, pelos ventos disperso,
Espalhará, sem tregua, a dôr pelo universo,
A dôr do humano ser de rojo pelo chão.

O peito sangra, o pranto echôa, o luto impera,
E a alvorada perenne, em todo o azul da esphera,
Pasma, na claridade, ao echo destes ais...
— Funda caudal de pranto, atropellada e accesa,
A descer, a rolar por toda a natureza,
No aneio de quem parte e não volta jámais !

Musa, nesse recanto espiritual da vida,
Em que fanges do amor a corda estremecida,
Adorando a Belleza em rimas de saudade,
Tambem vão rebentar, nas rajadas velozes,
As lagrimas da terra e o clamor destas vozes,
Em que a patria celebra a extincta Mocidade.

Tambem na placidez das aguas de esmeralda
Desses mares de sonho, onde um batel desfralda
Brandas velas de arminho, em rumo do infinito,
Por estranho designio, á hora lyrial e bella,
Não raro vão rugir mil bocas de procella,
Na rude vibração de um pavoroso grito.

Assim, do occulto exilio é mister que levante,
Em lagrimas ungiða, um threno soluçante,
A tua amada voz tão lyrica e subtil,
Como uma ave que vem dos pincaros medrosa,
E desprende um adeus da garganta queixosa
Ao velho sol que tomba, aureclando o alcantil.

Ó tresloucada e nobre alma de visionarios,
Que encheis de aroma e brilho os mundos solitarios,
Vendo na propria noite o clarão do arrebol!
Vós todos, que emergis do pelago profundo,
Em busca de um idéal que não é deste mundo,
E onde reina outra vida, e flammeja outro sol!

Apostolos, que alçaes a augusta e pura fronte
Para a luz a vibrar de horizonte a horizonte,
Emquanto os vossos pés andam calcando a lama;
Que o sangue varonil sacrificaes, sem medo,
Á causa da Justiça, em secular degredo,
Á pratica do Bem, que se abate e desama!

Vinde, em côro, dizer si ha noite mais escura
Do que esta que lançou immensa desventura
Sobre a vossa cabeça illuminada e sã!
A epopéa traçae — na musica de assombros
Dessa desolação que vos pesa nos hombros —
Da aguia morta que foi vossa mais bella irmã!

Proclamae o valor — indo de tenda em tenda,
Transformando o seu nome em civica legenda —
Dos prelios que feriu, das lutas que accendeu,
Sem ter, como um guerreiro, o barbaro instrumento
Das hostes a avançar como um leão sangrento
Que a terra esmaga e excita a colera do céu.

Estandarte de fogo, a palavra sonora,
Ardente, a desdobrar-se em furia vingadora,
Era a clava cruel com que elle triumphava,
Varrendo, alta e viril, catapultas sombrias :
Erros, vicios, paixões, thronos e dynastias,
A chaga secular da humanidade escrava.

Ó presas dos grilhões nefandos do passado,
Exercito sem nome, ao jugo acorrentado
Dos senhores brutaes — os brancos de alma espessa !
Inda vos cantam na alma as cascatas estranhas
Do verbo que, através de valles e montanhas,
Vos levava, confiante, o beijo da promessa.

As vossas rudes mãos, que embellezavam searas,
E os largos peitos nús, cheios de ancias amaras,
Na côr symbolizando a vossa maldição,
Umas, rubras de sangue, em supplicas se erguiam,
Outros, sangrando ao sol, de esperanças vivlam
Nessa aurora feliz, triumphal da redempção.

E vistes como um dia abriram-se as algemas,
E do ferro aviltante irradiaram estemmas,
Para gloria de quem na angustia vos amou ;
E ouvistes transformado em musica de galas
O sinistro rumor do pranto das senzalas,
Onde o nome da patria escrava se manchou.

Ó sombra dos heróes, dos martyres eleitos,
Envolvidos na poeira historica dos feitos
Que o passado legou para futuro exemplo !
Não mais palpitareis nos tumulos distantes,
Que elle, em febre, apontava ás massas delirantes,
Cegas do seu fulgor, como um sagrado templo.

E vós, mestres da sciencia, e vós, almas de artistas,
Mineiros da Verdade, e suaves Fantasistas,
Á Verdade e á Belleza unidos para a gloria !
Buscae no rijo sol, pedi ao luar tristonho
O pensador austero, o vosso irmão de sonho,
Que hoje sobe aos senis, bronzeos seios da Historia.

Mestre querido ! enquanto o Espirito fulgente
E o puro Coração vibrarem fortemente,
Pairando muito além do humano ferve-douro,
Teu nome vibrará na acclamação das éras,
Com o divino esplendor de ricas primaveras,
Descortinando á patria esplendido thesouro.

Musa, um vasto clamor de magoa soberana,
Da cidade sem calma á placidez serrana,
Perturba o coração desta formosa terra !
Como o oceano a fremir pela voz de uma vaga
Que o revolve e domina, e vem de fraga em fraga,
Dando aos beijos da luz as perolas que encerra.

Ajoelha-te, contrita, e o manto de ouro arrasta,
E exora — na expansão da voz serena e casta
Com que sabes vencer as intimas procellas —
A essa Força immortal, que nos ergue e suplanta :
Para o corpo vencido — o amor da terra santa,
Para a alma vencedora — o throno das estrellas.

Pernambuco, 1904.

VERSÕES

CANTO DO OUTOMNO

(HENRI ALLORGE)

I

Desde que o ser me vibra á visão da belleza,
Cada fibra, no amor da humanidade accesa,
Pulsando-me no coração,
Eu te amo, ó doloroso outomno, como nunca
Foste amado, tu que possues da morte adunca,
Bello amigo, a revelação.

Sabes na alma elevar do somno um mundo antigo,
Tens caricias de amante e consolos de amigo,
E respondes ao soffrimento
Pelos murmurios do silencio, essa linguagem
Que balsamos contém de tutelar imagem
Para acalmar nosso tormento.

A primavera tem a juventude apenas ;
Luz e flores, o estio ; e ante o inverno, serenas,
Luzem as glorias outomnaes.
É por isso que eu te amo, outomno, de tão bellas
Tristezas, imprimindo ás folhas amarellas
Os teus encantos immortaes !

II

Um dia, o coração cansado e miserando,
Eu fôra adormecer a minha dôr, sonhando,
Do Trianon a um suave canto.
Das chuvas outomnaes pairava no ar lavado
Inða um sôpro vital, que eu sentia, a meu lado,
Tudo agitar de grato espanto.

Rolavam sobre o chão tristes folhas molhadas
De castanheiros nús, cujas côres fanadas
Tinham, comtudo, estranhos tons ;
Era como um tapiz fulvo, denso e comprido ;
E, num como arquejar, do peito comprimido
Vinham-me estrangulados sons.

É que um prenuncio então de tempestade havia,
Que o animo viril, em turva covardia,
Logo de todo me enervava ;
Em lagrimas quizera extravasar o anseio,
Em vão ! E esse pesar, de que me vi tão cheio,
Rugas na fronte me cavava.

Depois, vi não ser mais — a relva avermelhada
Fitando — a Natureza a mãe desnaturada,
Como em outros dias atrozes ;
Porque, a resplandecer de um brilho amplo e fecundo,
Eu sentia fremir e palpitar o mundo
Numa loucura de mil vozes.

Pequeno como uma haste occulta, um ruê arbusto,
Deante ðeste universo atropellado e augusto,
Lentamente o meu coração
Palpitava a fundir-se á vida intensa, em que a alma,
No infinito dispersa, exulta, livre e calma,
Dentro ða propria Creação.

Assistindo, impotente, ao mysterio profundo,
Eu escutava em mim a commoção ðo mundo
Bramir, como a agua que escachôa ;
E amava, sem querer, um Deus na Natureza,
A vibrar ðe energia, a tremer ðe fraqueza
— Alternativa estranha e boa.

Das cousas no conjunto o ser absorto errava,
Minha alma ða prisão ðas cellulas voava,
Onde vivera sem amar ;
E um supremo poder — tinha-o na consciencia —
Occulto num clarão, penetrando-me a essencia,
Um astro em mim fazia alçar.

Era, assim, cousa estranha, uma delicia agora
Essa força sentir, nova, dominadora,
Pacificar-me os nervos bravos :
E, sem que lastimasse a energia perdiida,
Todo me abandonava a essa pressão cahida
Sobre os sentidos meus escravos.

Nada mais era então na Natureza — ou chamma
Que o cerebro transforma em som, ou carne que ama —
Mas um pouco do Deus total ;
Extinguia-se o ser num anniquilamento,
Para logo florir no seu renascimento
— Homem tornado vegetal.

III

Mas a tormenta veio e dissipou o encanto ;
O olhar maravilhado, onde tremia o pranto,
 Viu esbater-se a maravilha ;
E na agua, que, a rolar, vinha do espaço ethereo,
Mergulhava o esplendor do colossal mysterio
 Que em minha noite já não brilha.

Tornei a achar-me só, voltado ás minhas dôres ;
Trianon não era mais do que um parque de amores

Para o scismar na solidão...

Uma indizível calma agora amortalhava
A natureza inteira, e um choro se exhalava,
Surdo, das cousas, na ampliãõ.

IV

Voltado a mim, sombrio, a alma a arfar de anciedade,
Na esperança de alguma aurora de bondade,
O passo incerto e vagaroso,
Julgava-me a sofrer de uma afeição trahida,
Tendo, para beijar uma fronte querida,
Sêde de um extase amoroso.

Outomno, nesse dia, o esplendor doce e grave,
Que te cerca, e o fulgor desta palavra suave,
A mais formosa — Amor — que tem cantado o verso,
Ah! tudo comprehendí — porque me parecia
Que o longo beijo de amor era como esse dia
Em que sonhei conter em mim todo o universo.

1910.

AS VOZES DAS FOLHAS

(HENRI ALLORGE)

Quando, triste, sem motivo,
De uma tristeza mortal,
No fundo da alma revivo
Algum extinto idéal,
Que incenso com murchas flores ;
E do destino aos rigores
Vibro a minha maldição,
Escravo de uma esperança
Que, ainda a fugir, me lança
O seu divino clarão ;

Busco um sitio ermo e esquecido,
Onde julgo ouvir o canto
Do mundo reproduzido
Na voz das folhas em pranto.
Choram arvores cantando,
E das folhagens, ao brando
Sôpro das auras, me vêm,
Nas suas vozes serenas,
Os echos das minhas penas
Que não commovem ninguém.

Parecem órgãos errantes,
Cujo som augmenta e esfria,
Como as aves firitantes,
Levadas na ventania.
E são almas que se agitam,
Azas que se precipitam,
Num longo anseio de amor ;
Labios sem côr, mas ouvidos,
Pelos beijos e gemidos
Que espalham, sem um tremor.

É um poema indecifrável
Que passa, a arfar, na amplidão,
Deixando uma folha amável
Cahir, de leve, no chão.
— Grata musica que inunda,
Mysteriosa e profunda,
O espaço de cantos e ais ;
Tudo isso que em nós perdura
Como expressão de ventura
Do tempo que não vem mais.

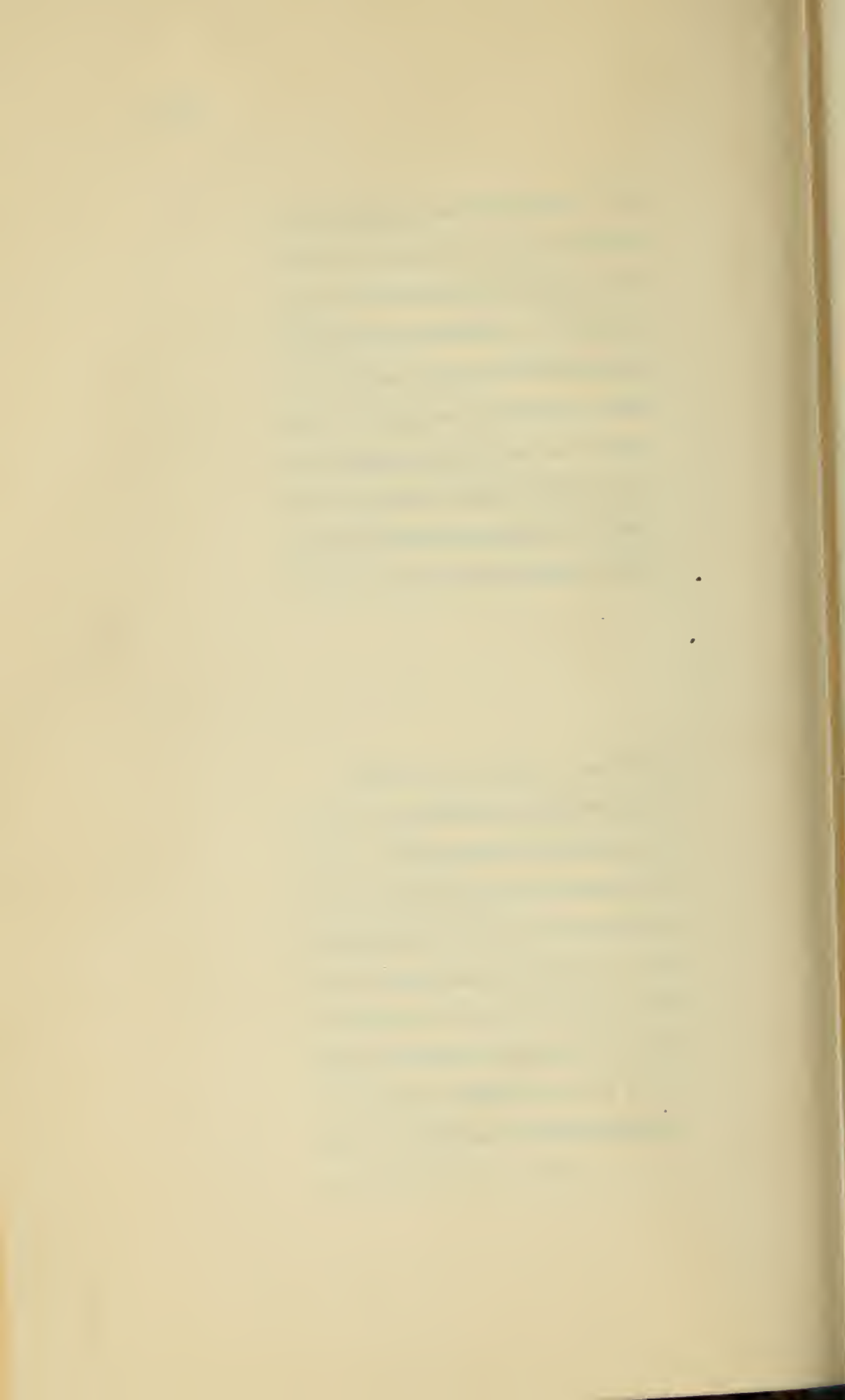
Faz-se uma calma infinita,
E, galho humano agitado,
Todo o coração palpita
Ao vento do seu passado.
Entre a porção de grandeza
Que em nós vive e a natureza,
Sente-se um beijo immortal ;
Funde-se a humilde parcella
Na immensidão que se estrélla,
Num espasmo universal.

Como o sulco miserando
Que nos deixa o bem perdido,
Vem das entranhas, sangrando,
Um soluço dolorido.
A alma foge para os ermos,
Pelos espaços sem termos
Cremos nos aniquilar ;
É como a morte antes da hora,
Alguma cousa que chora,
E não se pôde estancar.

Mas é doce á alma cansada,
Como o sonhar e o esquecer,
Essa harmonia sagrada
Que se sente, sem se ver.
É a vã materia erguida
Ao esplendor de outra vida,
O sangue tornado luz ;
É a volupia sublime,
Que transfigura e redime,
E á perfeição nos conduz.

Ah ! minhas folhas queridas,
Embalae, com ar risonho,
Minhas penas indormidas,
Emquanto, ouvindo-vos, sonho !
Cante a alma que vos exora,
Ante a vossa dôr sonora,
Irmãs dos sonhos que amei !
E o coração pulse e cante,
Qual uma harpa em mão distante,
Como jámais o escutei !

Dizei-me a historia encantada,
Cuja emoção me domina,
E lembrae, da madrugada
Da infancia, a luz purpurina.
Cantae-me as cousas maviosas
Que se segredam ás rosas,
Pelas tardes de verão...
No peito, que é o meu thesouro,
Como em um cálice de ouro,
Guardarei vossa canção !



PERFUME EXOTICO

(CHARLES BAUDELAIRE)

Quando em tarde outomnal, que os ares embalsama,
Cerro os olhos e absorvo o aroma do teu seio,
Deslumbradoramente, um grato panorama
Aflora ao meu olhar em pleno devaneio :

É uma ilha indolente, onde de cada rama
O mesmo sonho faz pender, de frutos cheio,
O amor da natureza unido á eterna chamma
Que nas gentes produz o mais ditoso enleio.

Guiado por teu perfume, entre as ondas e os astros,
Vejo um porto fremir de velas e de mastros
Cansados de vogar, ao longe, annos inteiros ;

Emquanto, no ar disperso, o olor dos tamarindos,
Que me entontece como os canticos mais lindos,
Se casa na minha alma á voz dos marinheiros.

1918.

ANTONIO E CLEOPATRA

(JOSÉ-MARIA DE HEREDIA)

Contemplavam os dois, do alto terraço, em frente,
Sob um céu suffocante, o adormecer do Egypto
E, ao meio o negro Delta, o Nilo, lentamente,
Suas ondas rolar no deserto infinito.

Sob a dura couraça um somno de innocente
Embalando — tal como um tremor no granito —
O Romano sentia aquelle corpo ardente
Nos braços desmaiar-lhe em voluptuoso attrito.

Palliða a fronte sob as mornas e tranquilllas
Ondas fuscas dos seus cabellos perfumados,
Cleopatra estendeu-lhe os labios e as pupillas ;

E sobre ella curvado, o heróe de épicas éras
Nos olhos viu-lhe então, como em céos constellados,
Todo um immenso mar povoado de galéras.

1918.

O SOMNO DO CONDOR

(LECONTE DE LISLE)

Ao longe, para além das rijas Cordilheiras,
Das nevoas á feição das aguias senhoriaes ;
Mais alto que o perfil das grimpas altaneiras
Onde apontam, sangrando, as lavas perennaes ;
Pendente a envergadura e a trechos rubra, cheia
De sombria indolencia, esta Ave soberana,
Com o olhar que do sol á morte sobranceia,
Contempla, no silencio, a terra americana.

Rola a noite de Leste, onde os pampas selvagens
Estendem-se, a ondear, sem fim, de monte em monte ;
Envolve o Chile e vae por cidades, paragens,
Do Pacifico immenso ao divino horizonte ;
Collinas, areiaes, gargantas e vertentes,
Ao continente inteiro impõe o mesmo somno ;
De cimo em cimo, inflando em turbilhões crescentes,
Transborda essa maré de sombra e de abandono.
Espectral, o Condor, só, do alto pico em frente,
Banhado de um clarão que sangra sobre a neve,
Espera o negro mar que o cerca inteiramente :
A onda avança, rebenta, e a cobril-o se atreve.
Pelo abysmo sem fundo, eis que o Cruzeiro accende
Sobre as costas do céu seu pharol constellado.
E, convulso de gozo, a plumagem, que esplende,
Agitando, o Condor ostenta o collo alçado ;
Firma-se, flagellando a neve desabrida ;
Num grito rouco sobe onde não chega o vento ;
E, longe do negror da terra adormecida,
Com as grandes azas dorme em pleno firmamento.

IN EXCELSIS

(LECONTE DE LISLE)

Melhor que o surto da aguiã, a que o céu se oferece,
Homem ! sobe de um salto ao céu resplandecente.
Embaixo, a velha terra esbate-se e emmudece.

Sobe. Ao teu grande vôo o abysmo amplo e silente
Abre as vagas do azul que a luz do sol flagella.
Na bruma, a esphera, embaixo, afunda-se impotente.

Sobe. Tremula, a chamma empallidece ; o céu géla ;
Um crepusculo triste aperta a immensidade.
Sobe á noite sem fim, sobe e perde-te nella :

— Resumo da amplidão chamado eternidade,
Noite do derradelro espasmo da materia
Na transfiguração da sua humanidade.

Alma ! por tua vez, esplendor e miséria
Deixando atrás morrer, alça-te á unica Fonte
Que se dilata em luz como divina arteria.

Passa de um bello sonho a um outro que desponte
Mais bello, e, assim, transpõe a escada fugidia,
Sem que a morta legião dos deuses te amedronte.

E o intelligivel cessa, e eis a grande agonia :
O abandono, o remorso, o fim do ser mais forte,
E do genio radiante a renuncia sombria.

Luz, onde estás então ? Talvez na propria morte.

TRADUCÇÕES FRANCEZAS

POR

HENRI ALLORGE

LES FORÊTS

(TRADUIT DU POÈTE BRÉSILIEN MATHEUS DE ALBUQUERQUE)

J'entre, comme en un temple, au sein des forêts sombres...
Comme au vent les épis, mon être épouvanté
Vacille, sur son front sentant l'immensité,
Devant leur grande silence et leurs tragiques ombres.

Dans les foules, là-bas, éclate effrontément
L'incessante rumeur des rires et des fêtes,
S'unissant aux clameurs, pareilles aux tempêtes,
De ceux que le Destin broie implacablement.

O grands arbres sacrés, en qui frémit le Monde
Et revit la Nature éternelle et féconde,
Vous ignorez le cri des désespoirs humains !

Mon âme, dont en vain saignent les douleurs vives,
Retrempe-toi, rêvant aux ères primitives,
Dans le silence auguste et pur des bois divins !

Paris, Septembre, 1909.

LES MONTAGNES

(TRADUIT DU POÈTE BRÉSILIEN MATHEUS DE ALBUQUERQUE)

Je gravis, en païen, en artiste, qu'embrase
La lumière, et qu'enivre un torrent de splendeur,
La montagne, et sa gloire indicible m'écrase,
Cette gloire dont rien n'égale la grandeur.

C'est l'été. Le ciel, où mon rêve s'aventure,
Est comme un dôme de turquoise, énorme et bleu.
C'est l'été. Le soleil darde et dans la nature
C'est partout une orgie éclatante de feu.

Fier, heureux, le regard noyé dans l'étendue,
Sentant mon sang bruler d'une fièvre éperdue,
Comme celui qui monte aux cimes de clarté,

Je t'ai là, près de moi, sans peur ni défiance,
Et ton amour fidèle est comme un fleuve immense,
Où tout mon être épris s'imprègne de beauté !

Paris, Mars, 1910.

TRANSFIGURATION

(TRADUIT DU POÈTE BRÉSILIEN MATHEUS DE ALBUQUERQUE)

J'étais, dans cette vie, un arbre sans culture,
D'une terre féconde un sauvage produit,
Parmi des arbres fiers à la sève plus pure,
Qui connaissaient, hélas ! dans leur belle ramure,
Le parfum de la fleur et la splendeur du fruit.

Seul, comme un prisonnier qui vieillit avant l'heure,
J'étais — qui sait pourquoi ? — maudit par le Destin,
Cachant peut-être dans ma paix intérieure,
Le châllment de quelque faute antérieure,
Comme un poison qui reste aux coupes d'un festin.

Seul dans cet abandon, sourd aux voix de la gloire,
À la vie immortelle, à sa sublime ardeur,
Moi, de l'éternité fantôme transitoire,
J'étais dans le grand tout la tache dérisoire,
Et je semblais veiller l'éternelle douleur.

Jamais, nul voyageur, las de ses longs voyages,
Sous mon ombre ne reposait son corps meurtri ;
J'ignorais des oiseaux les nids et les ramages,
— Ame délicieuse et pure des feuillages,
Quand s'échauffe au soleil leur maternel abri.

Et, par les nuits de lune aux mille voix errantes,
Si le vent se jouait dans mes rameaux épais,
Il n'y modulait pas les douceurs murmurantes
Dont le baiser frémit, dans les fleurs et les plantes,
Comme un rêve envolé des vallons aux sommets.

Et de loin m'arrivait la musique sereine
Des pâtres, gravissant les rocs des montes altiers,
La voix du chalumeau, tombant jusqu'à la plaine,
À l'heure où tout s'emplit d'une paix souveraine,
Dans la divine paix des couchants printaniers.

A l'entour, tout passait comme un songe rapide :
La chanson des humains, l'idylle des oiseaux,
La terre en fleur, le ciel d'azur, la mer sans ride...
Et la clarté qui baignait tout d'un or limpide,
Moi seul, je l'ignorais, dans ma nuit sans repos.

Et pourtant, quelle vie emplissait tout mon être,
Quelle aspiration de mon cœur virginal,
Quelles sensations j'eusse voulu connaître,
Mêlant, du haut des pics d'où l'on voit l'aube naître,
A ce chant de soleil mon hymne triomphal !

Parfois, de désespoir, je maudissais l'espace ;
Si la tempête rugissait dans l'air glacé,
Je souhaitais sans peur que la foudre qui passe
Fît des cendres sans nom de ma frondaison lasse,
Dans l'épouvantement d'un désastre insensé.

Cette folie, au reste, était bientôt passée ;
Je me sentais heureux, sur mon sol écarté ;
L'âme altière, immobile, impassible, apaisée,
J'étais indifférent à la saison glacée,
Comme au baiser brulant du flamboyant été.

— Mais un jour ton amour, l'amour de mes grands rêves,
Présent beni du ciel, transfigura mon cœur.
Le printemps fleurissait dans les cieux, sur les grèves,
Dans les ailes, les chants, les couleurs et les sèves,
Souffle d'une déesse, ambrosie en sa fleur.

Et, de l'enivrement de ces splendeurs exquises,
De la claire fraîcheur de ce bonheur païen,
Une parcelle ailée, errant au gré des brises,
— Rais de soleil couchant parmi des nefs d'églises —
Changea ma nuit profonde en suave matin.

Fécondé, de la cime aux dernières racines,
Par le pollen tombé dans mon cœur anxieux,
Je me parai des fleurs et de nuances fines,
Et de fruits, aux saveurs lointaines et divines,
Qui font rêver, dans un trouble délicieux.

Doux oiseaux, fiancés que benit mon ombrage,
Voyez l'éclat doré de mes fruits virginaux ;
Laissez vos songes purs monter dans ce feuillage,
Sous l'abri parfumé que l'arbre vous ménage,
Pour fêter l'union de vos printemps nouveaux !

Venez, ô Pèlerins qui parcourez la terre,
Ames, lasses du monde aux attraits si trompeurs,
Je vous donnerai, dans un fleuve de lumière,
— Pain des pauvres, soleil de ceux que le froid serre —
Les fruits de mon amour et mes rameaux sauveurs !

Paris, Août, 1910.

BIBLIOGRAPHIA

BIBLIOGRAPHIA

A primeira edição do *Visionario*, hoje esgotada, appareceu em Pernambuco, em 1908, sob os auspícios da Livraria Nogueira, tendo sahido das officinas typographicas da Livraria Franceza. O livro foi optimamente acolhido pela critica nacional e estrangeira, como attestam os artigos e excerptos de artigos reunidos, mais adeante, neste *Appendice*.

Uma segunda edição foi publicada, em 1912, pelos Srs. Lello & Irmão, do Porto.

Em 1920, uma terceira edição, revista e augmentada, foi dada pela Sociedade Editora Portugal-Brasil, de Lisboa, a qual, não tendo satisfeito o autor, foi, em parte, retirada da circulação.

Essa terceira edição continha a seguinte

«Advertencia

«As poesias que compõem o *Visionario*, da *Alma Errante* á *Transfiguração*, foram escriptas no decurso de 1902 a 1905. O autor resolveu fazer esta declaração, que não apparece nas duas primeiras edições sahidas em 1908 e 1912, por lhe haver constado que certos criticos pacientes andaram, ultimamente, a descobrir em alguns de seus pobres versos reminiscencias ou impregnações de versos alheios, publicados, aliás, muito posteriormente.

«Esta nova edição, na qual, como nas anteriores, também figura a *Ode Cívica*, está augmentada de algumas paginas que o leitor intelligente e benevolo poderá classificar como traducções, interpretações ou adaptações de Baudelaire, Leconte, Heredia e Allorge — e que não foram feitas para concurso.

«Além disso, o Appendice á segunda edição, na parte que contém algumas das apreciações sobre a primeira, está accrescido de fragmentos de outras apreciações, extrahidos, quasi todos, de longos artigos publicados em jornaes do Brasil e Portugal, e que figuram agora aqui mais como homenagem a seus autores do que como necessidade de documentação.»

Publicando hoje esta quarta edição, que constitue o primeiro volume de suas obras completas, ou a edição definitiva de suas poesias, o autor resolveu incluir no *Appendice*, não só a *Ode Cívica*, que sempre figurou no texto propriamente dito do *Visionario*, como também as traducções a que elle se refere na *Advertencia* acima transcripta.

Assim o faz para não tirar ao *Visionario* o caracter de homogeneidade que, com taes peças, poderia, talvez, ser prejudicado.

ALGUMAS DAS APRECIACÕES

SOBRE A

PRIMEIRA EDIÇÃO

«VISIONARIO»

(POR MATHEUS DE ALBUQUERQUE)

I

Um dos phenomenos mais curiosos e mais impressionantes que se possam imaginar é a carreira vertiginosa das escolas litterarias, nomeadamente as de poesia, nas ultimas tres décadas do seculo XIX.

É como se nada houvesse fixo, tudo estivesse a se esboroar no mundo do pensamento : construcções a cahir antes de concluidas, doutrinas e systemas a murchar logo no nascedouro.

O classicismo tinha durado mais de tres seculos ; o romantismo uns bons setenta annos, antes de sofrer os primeiros golpes; as novas escolas, com alguns semestres apenas, sentiam-se atacadas pela critica, quando não pelo indifferentismo geral.

Neste primeiro decennio do seculo XX as cousas acham-se um pouco mais firmes e mais desassombrada é a tarefa de poetas e escriptores.

Apparecer em 1900 ou 1910 não é precisamente o

mesmo que iniciar a vida das luctas espirituaes em 1870 ou 1880.

E aqui não posso deixar de lançar saudosos olhares para quarenta annos atraz.

Faz exactamente quarenta annos, porque foi em 1869, que em artigo appreciativo dos *Harpejos poeticos*, de Santa Helena Magno, ataquei desrespeitosamente o velho romantismo, em geral, com as suas lamurias lamartinescas, seus scepticismos byronianos, suas ironias mussetistas, suas vacuidades hugoanas e, peculiarmente o nosso, com as suas ladainhas a Magalhães, seus indianismos a Dias e a Alencar, seus erotismos collegiaes a Azevedo.

O momento litterario era, então, muito curioso no Recife : havia um resto de classicismo representado em Antonio Joaquim de Mello e Soares de Azevedo ; uma especie de compromisso entre romantismo e classicismo chefiado por Torres Bandeira ; um ecletismo de varias tendencias em que se filiavam Carneiro Villela, Generino dos Santos, Almino Affonso e Eduardo de Carvalho. No terreno das discussões jornalisticas o voltairianismo de Abreu e Lima acabava de terçar armas com as catholicidades de Pinto de Campos, secundadas estas pelo conselheiro Autran, drs. Braz Florentino e Soriano de Souza. Franklin Tavora no conto e na novella estreitava-se com talento, mas ainda sem rumo. Aprigio Guimarães dava largas ao seu liberalismo, antes de se metter a escrever dramas.

Mas o momento mobil, o momento agitador estava

ainda com a poesia e os arrebatamentos democraticos e socialistas de Victor Hugo ; Tobias, Castro Alves e Victoriano Palhares andavam na ordem do dia.

Castro Alves tinha-se retirado para a Bahia, Rio de Janeiro e S. Paulo, funcionando como o propagandista andante da nova escola ; mas era como se estivesse na *bella Veneza transplantada*, no meio de seus pares.

Cumpre notar que Victor Hugo, ainda vivo e que tinha de distender a existencia por perto de vinte annos, estava então em meio de sua segunda phase, o periodo que Brutenière chama *épico-satyrico* e devia chamar de preferencia *épico-lyrico*, porque a satyra no grande poeta das *Contemplações* era de character muito secundario diante do fragor lyrico que a animava. A phase de inspiração apocalyptica iniciou-se depois, com a *Année Terrible* (1871), prosseguiu na segunda serie da *Légende des Siècles* (1887), *L'art d'être grand-père* (1877) e foi acabar em *Le Pape*, *La Pitié Suprême*, *L'Ame*, *Religions et Religion*, *Les Quatre Vents de l'esprit*, etc.

Quer isto dizer que o Hugo, mestre e guia de nossos poetas, foi o bello cantor da phase lyrica (1822-52) e do periodo épico lyrico (1852-71) e não o dos ultimos tempos.

Com todas as reduções que é hoje de moda fazer, o enorme, o genial talento de Victor Hugo é um facto incontestavel e sua influencia na litteratura universal phenomeno visivel a olhos nús.

Era indispensavel, pois, certa dóse de coragem para atacar em 1869 o romantismo e nelle o maior de seus representantes, acatado por valorosos discipulos.

É verdade que já existiam, naquelle tempo, algumas tentativas revolucionarias em Leconte de Lisle, nos dominios da poesia, em Gustavo Flaubert, nos do romance; mas seus auctores davam-nas como prolongamentos do proprio romantismo. O que é certo, porém, é que eu e toda a gente no Brasil as ignoravamos naquelles dias.

O enorme retumbamento de Leconte e Flaubert, e, pela mesma época, de Sully-Prudhomme, Fr. Coppée, Zola e Maupassant, e mais tarde, de Mallarmé, Verlaine, Tolstoi e Ibsen, foi cousa muito posterior, especialmente quanto aos ultimos.

Escusado é falar em Baudelaire, fallecido em 1867, cuja influencia é pelos mesmos criticos francezes declarada posterior de largos annos á sua morte em sua propria terra. Sua poesia, além de tudo, não foi outra cousa mais, na phase de Zola, do que a cauda esteril do romantismo.

No grande mundo e, depois no Brasil, succederam-se philosophismo, realismo, naturalismo, decadismo, symbolismo, impressionismo, psychologismo, exotismo, naturismo, um verdadeiro cinematographo em ismos... em vertiginosa rapidez.

No Recife o primeiro brado contra o systema romantico foi dado em nome e por inspiração da moderna critica religiosa e mythologica. Desde os pri-

meiros dias de 1868, e durante todo 69, sob a influencia da polemica entre Abreu e Lima e Pinto de Campos, os assumptos mythicos e religiosos despertavam-me a attenção.

Atirei-me aos novos demolidores.

Diversas obras de Max Muller — *Ensaaios de critica e religião*, *Sciencia da religião*, *Estudos de mythologia*; de Renan — *A vida de Jesus*, *Os apostolos*, *São Paulo*, *Estudos de historia religiosa*, *Ensaaios de moral e critica*, *A origem da linguagem*; de Bréal — *Hercules e Cacus*; de Michel Nicolas — *Estudos criticos sobre a biblia*, *Doutrinas religiosas dos judeus nos dois seculos anteriores á era christã*; de Scherer — os dois excelentes volumes, que têm quasi o mesmo titulo e se não devem confundir — *Mélanges de critique religieuse* e *Mélanges d'histoire religieuse*; de Eugenio Burnouf — *Introdução ao estudo do buddhismo*; de seu parente Emilio Burnouf — o incomparavel livro *A sciencia das religiões*, — fizeram-me as delicias e foram os inspiradores da doutrina então aventada de que *a poesia moderna havia de se inspirar na critica religiosa*.

Não foi só intercorrentemente, nos artigos consagrados aos *Harpejos poeticos*, de Santa Helena Magno, e, em seguida, nos que tiveram por objecto as *Phalenas*, de Machado de Assis, as *Espumas Fluctuantes*, de Castro Alves, as *Peregrinas*, de Victoriano Palhares, que a these foi defendida. Foi tambem

em estudo especial intitulado — *O que entendemos por poesia critica* — que está para lêr-se no 2.º n.º da *Crença* (1870).

Mais tarde, pouco mais tarde, as *Paroles de Philosophie positive*, de Littré, fizeram-me comprehender que alguma cousa mais larga havia para inspirar os poetas — a philosophia.

Pelo mesmo tempo, a *Historia da litteratura ingleza*, a *Philosophia da arte na Grecia*, além dos volumitos consagrados á arte na Italia e nos Paizes Baixos, de Taine, me tinham mostrado a larga estrada da critica firmada nas sciencias, peculiarmente a mesologia, a physiologia, a ethnologia, a ethnographia, além das indispensaveis achegas psychologicas.

Por isso é que o criticismo poetico do primeiro momento passou a denominar-se *poesia philosophica* ou mais geralmente, e com muita impropriedade, *poesia scientifica*.

Nos annos de 1868 e 69 assentara as doutrinas e preparara os escriptos publicados em 1870.

Celso de Magalhães, Souza Pinto, Inglez de Souza só depois appareceram sustentando ideias mais ou menos divergentes.

Araripe Junior, que cursara a Faculdade de Direito e residira no Recife desde 1860 ou 61 até 1869 ou 70, não déra até então o menor signal de vida.

O mesmo aconteceu com Capistrano de Abreu, que não tugiou nem mugiu durante todo aquelle mesmo 70, por elle passado inteiro em Pernambuco.

Foi preciso que Rocha Lima, testemunha de nossas luctas em 1871 e 72, voltando ao Ceará, sua patria, estimulasse os dois tardigrados, já alli tambem retirados.

A prioridade de Pernambuco em nossas modernas lides espirituaes, iniciada com o hugoanismo, manteve-se com o criticismo e o philosophismo em poesia; sustentara-se seguidamente, por duas décadas, firmando-se successivamente na poesia, na critica litteraria, no *folk-lore*, na philosophia, na renovação do direito, cuja transformação pelas doutrinas evolucionistas de Darwin, já em 1875 annunciara em acto de defesa de theses perante a Faculdade.

Assim se passaram as cousas, durante os decennios de 1869-89. Desenrolaram-se todas as escolas, ou suppostas taes, todos aquelles *ismos* acima citados.

Percebi immediatamente que toda aquella confusão tendia a acabar, ficando apenas de pé o lyrismo de bôa seiva, largo, vasto, independente, livre, sem preocupações de escolas, sem lemmas doutrinaes, suprema expressão das agitações doridas da alma moderna, na ancia inexgottavel de exprimir e symbolisar artisticamente, poeticamente, as peripecias da vida e mais as emoções e assombros dos enigmas da existencia.

Os documentos dessa previsão, hoje plenamente realisada com a moderna pleiade de poetas, encontram-se nos artigos consagrados aos *Novos Ideiaes*, de Mucio Teixeira, ao *Lucas*, de Servilio Gonçalves, á

Linha Recta, de Mathias de Carvalho, ás *Ondas*, de Luiz Murat.

O doce e magnifico espirito do auctor do *Visionario* me desculpará estas recordações que a muita gente má parecerão inoportunas.

Mas é que nem todos querem vêr que sou forçado, de vez em quando, a andar com o mosquete em punho para defender a minha pobre palhoça assaltada quasi diariamente por gafeiros zeveryssimescamente assanhados.

A vivendasinha é choça de roça, mas tem um pequeno pomar, onde amadurecem alguns fructos doirados a que tenho de andar de guarda.

Se temos visto os que esconjuram a nossa *verve destemperada* inspirarem discipulos que lhes repetem as basofias ; se temos visto os representantes dessa pretenciosissima e banalissima diplomatie lettrada, poida de erros, falar da evolução litteraria em nossa terra no tom de quem trata de colonia agora descoberta, de terras baldias, onde agora mesmo elles fincaram as primeiras estacas, sem reparar que em cima do outeiro já de ha muito estava o povoado e edificada a nossa igrejainha parochial, pequenina, é certo, mas muito aceiada, muito alva, muito catita para estes ermos. . .

A zéveryssimada não dá, ou melhor finge não dar por isso e leva fogo para ter mais cuidado ao servir o pirarucú do Amazonas nas aristocraticas mesas dos Ferreros e consortes.

Ha por estes lados peixes e caças mais saborosas do que as tartarugas de Marajó.

Venhamos, porém, ao *Visionario* e seu auctor.

II

A pleiade dos admiraveis representantes desse possante lyrismo independente, com que sonhava de trinta annos a esta parte, depois que palpei a inviabilidade das escolas succedaneas do romantismo, acha-se agora á frente da poesia brasileira.

Vicente de Carvalho, Pereira Barreto, Emilio de Menezes, Goulart de Andrade, Amadeu Amaral, Hermes Fontes, Costa e Silva, Gustavo Ferreira, são do numero.

Luiz Murat, deixando o parnasianismo a que sacrificou a principio, Theotônio Freire, França Pereira, João Barreto de Menezes, quando tangem as lyras, segundo a velha phrase consagrada, alçam agora igual canto e entôam as mesmas harmonias.

Matheus de Albuquerque, com ser ainda muito joven, é uma das mais altas figuras no grupo. Seu livro, a que deu o bem achado titulo de *Visionario*, não é uma collecção de poesias soltas, reunidas ao acaso. Não é tambem um poema com enredo, certo numero de personagens, um desfecho mais ou menos engenhoso, conforme os antigos moldes.

Nada disto.

Excluída a última peça, *Oxide Civica*, dedicada á memoria de Martins Junior, é o livro, de principio a fim, uma especie de symphonia em vinte e nove tons e em vinte e nove partes, em que o amor, tomando por pretexto o poeta, reduzido ao que os gregos chamavam intelligente repouso, *ataraxia*, transuda e exhala magias e encantamentos da natureza inteira.

Tudo tem um ruido, um sussurro, uma voz, uma expressão, um accorde para fazer sentir as exuberancias do coração amante. O universo inteiro é canoro, é sonoro, desde o imperceptivel ciciar dos insectos leves e irisantes, até os altos brados dos ventos nas franças dos florestaes vetustos ; desde o apagado aflar das borboletas sobre as flôres perfumadas, até os fragores assombrosos das grandes agoas ; desde as melodias mimosas e macias dos passaros melancolicos, até os imaginados chôros das espheras infinitas nos espaços sem termo.

Nisto é que vae a originalidade do poeta do *Visionario*.

Elle não alçou o canto para nos dar conta das visões fugitivas que tivesse da sua amada ; para revelar os fulgurantes brilhos de seus olhares ou os occultos thesouros de seu espirito ; deixar vêr as accumuladas riquezas de sua alma ou as deliciosas ternuras de seu sentir ; vislumbrar o diamantino escriptorio de seus affectos ou a sedosa maciez de seus cabellos.

Não tomou da lyra para, menestrel á romantica,

fazer a historia de sua paixão, narrar as peripecias de seus amores, traçar a biographia, por assim dizer, de sua vida subjectiva.

Não. Seu processo é outro e é por onde se destaca e toma posição propria, repito.

Não quer isto dizer que o poeta não fale de si e não se apresente como o protagonista no mundo de seus amores.

Mas a tonalidade geral de sua poesia irrompe principalmente da natureza exterior, reduzindo-o a mero collaborador, e, por vezes, a mero espectador das scenas que elle põe em movimento. Temos, dest'arte, o singular espectaculo duma poesia pessoal, subjectiva, intima — na intenção, e, ao mesmo tempo, exterior, naturalista, impessoal, objectiva — na execução.

O poeta representa o papel de um magico, de um Nostradamus que, dando o toque, o signal para o inicio de suas aparições, não as póde mais conter e tem de a ellas assistir, aterrorisado e passivo, como qualquer estranho.

Não é tudo.

Se o poeta apparece, mas se perde no meio das visões, dos encantamentos que, com vara magica, faz brotar do mundo ambiente, sua amada surge tambem, é certo, para logo ser transformada num doce phenomeno natural, mas de uma natureza transfigurada, fantastica, translucida, mixto de realidade e miragem, mundo encantado, supra-sensivel, parecido

com o nosso na modelação geral das fórmãs, porém feito de outra materia, tecido de luz e ouro, de ideiaes e meiguices, de carinhos e sonoridades, de sonhos impalpaveis e deslumbramentos infinitos.

Dir-se-ia um brinco indefinivel de deusas, fruindo a vida no mais fantasioso prazer das eternidades inapagaveis. Especie de pantheismo, em que o Deus que tudo aviventa e em tudo se transmuda, não é o Deus dos metaphysicos, senão uma alma de mulher, inebriada de amor.

Lêde, lêde, e repara e que, neste sentido, é um dos livros mais suggestivos da litteratura de nossos dias.

Talvez só nas obras das novas poetisas se encontrem notas congeneres ; em *Eblouissements*, *Cœur Innombrable*, *L'Instant Eternel*, de musas femininas recentes.

Eis aqui :

«Tu vens, pulchra Vestal, branca visão alada,
Milagrosa visão de brilhos e carinhos !
Scintilla em teu olhar a gloria da alvorada,
Gorgeia em tua voz o festival dos ninhos.

.....

Envolve-te um sendal de pallida turqueza,
Com recamos, em flor, de perolas e opalas ;
Uma idéaliação de mystica princeza
Resplende e exalta em ti, como em nupcias de galas.

Eu te vejo sorrir num esplendor de santa
Que desce de um paiz silencioso e risonho ;
E ao ver-te assim sorrir, minha alma exulta e canta
E vae de céu em céu, indo de sonho em sonho...».

Ainda mais :

Divina apparição de um claro paraíso,
Emanaste da luz que a todo o mundo inflamma.
Ah ! que doce calor na luz do teu sorriso !
Quando beijo a sahir dos teus olhos em chamma !

Como surge o luar em negros céos remotos,
Sorrindo ao coração das flores do deserto,
Surgiste para mim, eburnea Flor de lotus,
E a estancia appetecida avistámos de perto.

Nesse recanto azul e silencioso erguemos,
Como artistas de lenda, ao meio de pomares,
Um ninho de jasmins, lyrios e chrysanthemos,
Alvo, nobre, offuscando a prata dos luares.

Era um lindo castello erguido entre esplendores,
Recordando um primor de graça bysantina,
De marmore luzindo em fulgidos labores,
Com essa irradiação que os sonhos illumina.

Dentro, sob um docel de flores e de plumas,
Tinhas uma feição de santa e de rainha,
Estrella de outro céu, fantastico, sem brumas,
Descida ao mundo vil para grandeza minha.

Em torno, era um festim soberbo e namorado
De passaros no albor das madrugadas claras ;
Na propria luz do sol, no espaço alcandorado,
Cantava um madrigal de vozes as mais caras.»

Finalmente, mais duas ou tres estrophes ao acaso,
porque fôra mister citar o livro todo :

«Trirèmes a povoar uns mares fabulosos,
Onde, em élos de sons de impalpaveis cadências,
Se funde a branda voz de pares amorosos
Ao canto nupcial de lyricas sereias.

Do teu macio olhar rebentam primaveras,
Com sussurros de amor palpitando nos ramos,
E a alada multidão que desce das espheras
Ao luminoso exílio em que nos adoramos.

Claras fontes rolando em ondas de alva opala,
Beijos, fulgurações, saudades de outros climas,
Teu soberano olhar, sem lagrimas, propala,
Na gloria das manhãs alacres de vindimas.»

Notem a doçura do verso, o primor da metrica, a facilidade da rima, o esplendor das imagens, a perfeição da lingua. Como este encantado instrumento, ao serviço dos lyricos brasileiros, se tem apurado !...

Matheus de Albuquerque, sobretudo no fim das estrophes, tem o condão de fazer versos admiraveis que ficam tremulando na imaginação da gente como flâmulas festivas.

Nas poucas quadras citadas vejam :

«Gorgeia em tua voz o festival dos ninhos.»

«Ah ! que doce calor na luz do teu sorriso !»

«Alvo, nobre, offuscando a prata dos luares.»

«Estrella de outro céu, fantastico, sem brumas.»

«De passaros no albor das madrugadas claras.»

«Beijos, fulgurações, saudades de outros climas.»

São versos de ouro, versos que merecem beijos.

O livro está cheio delles. O auctor está inteiramente senhor de sua arte ; é um poeta de raça. Possui os predicados dos grandes lyricos : imaginação, espontaneidade, a musica da palavra, a variedade das tintas e dos tons, desenho e colorido nos quadros, movimento na phrase, vibração nos sentimentos, acuidade psychologica. Talento, talento, talento, para tudo resumir na palavra que define o que muitos supõem ter e só poucos possuem.

Se eu estivesse disposto, aproveitaria o ensejo que ora me offerece este magnifico poeta do norte para formular certa theoria que se poderia appellar das *antinomias estheticas*, mais reaes que as antinomias da metaphysica discutidas por Kant.

É cousa que me anda a fustigar o espirito de muito tempo a esta parte, mas agora seria inopportuna.

Ao magico do *Visionario* só tenho a enviar d'aqui o saudar das grandes admirações.

Rio, 5-3-909.

Sylvio Romero.

MATHEUS DE ALBUQUERQUE

Sem os tics escandalosos que armam ao effeito — nem mesmo a gravata de Oscar Wilde, o monoculo côr de rosa de Antonio Nobre ou o paletot de setim azul de Pelletan — modesto no seu orgulho, isento de excentricidade e apparecendo-nos á vista com esse feiissimo rosto imberbe e sympathico que tanto interessa e attrahe, assim é a individualidade typica do poeta do *Visionario*.

Mas ao que ha de desfavoravel no seu physico, para todos, uma angelica expressão suavisa, e para os seus amigos é a irradiação pulchra de sua alma que se desvenda como uma flôr estranha, alvissima e sensivel.

No exercicio de sua arte sagrada a mesma simplicidade luminosa. Transmittindo aos seus escriptos a sua superioridade de artista, Matheus de Albuquerque não faz mais que transmudar da sua psyché para

o quadro plastico do verso, as impressões verdadeiramente sentidas na contemplação da nossa natureza privilegiada e da mulher-idolo que aureola com os mais radiosos sonhos da sua juventude.

Sua poesia, expontanea e sincera, lembra a esthesia de um Ruskin, fazendo da Belleza uma religião e esquecendo, no enlevo de seu apostolado, o tumultuar da vida que o poeta vae pelos «beijos de amor glorificando».

A tortura desesperadora do ciume tragico, a angustia enlouquecedora do amor impossivel e insoffreado, a insensatez de uma aspiração irrealisavel e sangrenta, jámais perturbaram a serenidade dos seus versos, onde as paixões são calmas e as paizagens venustas.

De certo bate-lhe mais forte, algumas vezes, o coração, mas no seu peor momento sentimos sómente tornar-se-lhe offegante a respiração e humedecerem-se-lhe os olhos. Nem uma imprecação ou blasphemia, uma revolta ou desespero.

Tambem nos momentos felizes, quando o seu estro vibra, o enthusiasmo entretece rimas astraes, tem resplandencias de estrellas, mas nunca faz resoar do rimario o estridor das fanfarras dominadoras. A tristeza é mesmo a principal feição da individualidade interior do poeta e a nota predominante dos seus versos, nos quaes

«Do humano soffrimento a musica assombrosa
Pela sagrada voz dos symbolos derrama.»

Armado cavalleiro, não investe contra as hostes dos infieis, de sangue estuante, para arrazar os campos inimigos; defende, porém, como um paladino medievo, o seu idéal supremo, e para defendel-o, brande a lança com denodo, mas sobriamente, porque tem entre os braços e beija com ternura, ao mesmo tempo que peleja, o pavilhão symbolico da arte, que os outros, no ardor da investida, abandonaram.

Timido e orgulhoso, com aquella timidez e aquelle orgulho que foram a essencia do sentimento e a maior força de Gustavo Flaubert, vive quasi isolado, honestamente trabalhando, no doce affago do lar, lendo, meditando, escrevendo, como um verdadeiro artista com extremado amor pela sua arte.

E é pela consciencia do seu nobre esforço e da sinceridade com que escreve que o vemos revoltar-se quando uma injustiça lhe fere o nome ou a sua obra. Então elle vibra daquella mesma indignação que agitava Emilio Zola quando, injustamente ferido pela cainçalha da calumnia, irrompia nas replicas formidaveis com que, na sua expressão, vassourava os detractores.

A sua indignação, porém, embora tão grande quanto a do divino mestre, não tem um arremesso brusco, uma phrase violenta; limita-se a algumas palavras balbuciadas a amigos intimos e áquelle sorriso que se poderia definir, indifferentemente, como desprezo ou como vaidade.

Muitas vezes ao estudar Matheus em certas subtilidades da sua psyché, occorre-me este pensamento

de Maurice Barrès, e vejo quanto elle é verdadeiro : «A força da intelligencia e da sensibilidade pertence sómente áquelles que vivem em contacto sincero consigo mesmos». Porque é num perfeito contacto consigo mesmo que vive Matheus, fortemente intelligente e sensível, e por isto, conscio de seu valor.

Optimista por indole e por temperamento, e porque jamais foi perturbada a sua existencia por um desses golpes mortaes que tornam apavorante o futuro, por uma injustiça que leva o espirito mais candidato ao desespero, ou pela miseria que enegrece a imaginação mais lucida, teria sido da mesma forma pessimista si o inverso se déra, si é que elle não traz dentro de si, recondito, para ironisar as proprias dores, aquelle sorriso interior de Cruz e Souza, que faz o ser perfeito cantar por entre as aguas do Diluvio. O que não faria nunca é trahir o seu sentimento, desvirtuar a sua arte ou se desintegrar de sua obra.

Em certo tempo, os escriptores, quasi sem excepção, faziam precisamente o contrario, affectando um pessimismo systematico, que estava longe de ser verdadeiro, com a ingenua persuasão de ser originaes. Para fulminal-os, o satyrico autor de *Monsieur et Madame Tout le Monde* lançou sobre os seus gemidos ou uivos de desespero tão ridiculos, este conceito que os aturdiu então : «Atacar a natureza porque deu espinhos ás rosas, é vulgarissimo. A originalidade está no que fez Alphonse Karr agradeoendo-lhe o ter dado rosas aos espinhos».

Não se julgue, porém, que Pierre Véron pensava assim. Elle quiz, apenas, reagir contra a alluvião dos blasphemos, e o seu paradoxo não foi mais que uma ducha gelada para acalmar a imaginação morbida e exaltada dos seus contemporaneos.

A originalidade não está no pessimismo ou optimismo do escriptor, nem ainda na fórmula rebuscada que lhe substitua a imaginação, porventura. É uma consequencia da sinceridade, e nada mais.

Attendendo a que as impressões e as emoções recebidas do mundo exterior são individuaes, e á sinceridade com que Matheus as transmite, taes como as sente através do seu temperamento, temos a razão completa da originalidade flagrante dos seus versos.

Alma Errante, o poema symbolico com que abre o livro, e onde canta a sua aspiração anciosa e indefinida, melhor que a minha prosa desataviada, dirá de seu estro. Pensando com Eugene Véron que, além das condições de optica e de acustica, o que domina na obra de arte, o que lhe dá o seu character é a personalidade do artista, apraz-nos vêr neste poema, nitidamente reflectida, a personalidade do autor.

Não podemos, entretanto, destacar entre os outros poemas crystalisados no *Visionario* num só poema, aquelle em que o poeta mais se tenha elevado pelo esmerado labor ou soberba concepção. Dentre elles, o que mais impressiona é o que se lê por ultimo, e eu principio a reler a collectanea.

Essas qualidades que temos referido estão bem

accentuadas nesse livro de estreia, excepcional entre nós e divorciado da intransigencia de qualquer determinada escola litteraria.

O que se dá neste sentido com o nosso poeta é o mesmo que está acontecendo desde algum tempo na Europa e na America, onde os escriptores da ultima geração, em geral, e até alguns precursores de escolas, se teem mostrado independentes de qualquer pacto convencional, como assignala Georges Pellissier, apontando-nos Emilio Zola, não sómente trahindo a realidade, como ainda celebrando, qual hierophante ou apostolo, a visão do seu idéal e escrevendo não romances, mas poemas, umas vezes lyricos, outras épicos.

Matheus de Albuquerque conserva essa independencia literaria, não se filiando incondicionalmente a nenhuma escola, no que segue a tendencia generalisada daquelles intellectuaes, rebeldes aos oppressores dictames das seitas proclamadas.

O parnasiano que escreveu essa *Ode Civica*, majestosa como uma pagina de *Les Trophées*, em quasi todo o livro, que um suave lyrismo perfuma e o seu pantheismo e humanitismo caracterisam, cede logar ao symbolista que se nos apresenta sob uma modalidade propria, inconfundivel e brilhante.

Não que elle se torture no trabalho do estylo tão apothéosado por Antoine Albalat, ao extremo de um Flaubert, mas, quando os seus versos nem sempre sejam lapidares, não deixam comtudo de ser lapida-

dos por um escriptor honesto e de carne e osso, como diria delle o Pauvre Lelian cheio de desprezo pelos pretensos impeccaveis.

E já que fallei do autor de *Sagesse*, deixem-me terminar esta apologia, que outra coisa não é o meu artigo, com as mesmas palavras com que elle terminou um estudo sobre Stéphane Mallarmé: «Paremos; o elogio, como os diluvios, pára a certas alturas».

Pernambuco.

Augusto Rodrigues.

«VISIONARIO»

Tres ou quatro poesias que eu tinha lido e relido em varias occasiões nos jornaes, com a assignatura de Matheus de Albuquerque, não n'as reconheço, agora que estão armando entre outras, plenamente ajustadas, uma construcção litteraria de esplendida uniformidade artistica e emocional—o primoroso *Visionario*.

Posso mesmo dizer que o livro de estreia do illustre moço surprehendeu-me. Porque onde esperei deparar uma collectanea de poesias dispareas, encontro uma obra harmonica, entretecida de liames em toda a contextura dos versos ; porque os versos de Matheus de Albuquerque estão de tal forma concatenados no todo que o nome de poema se me afigura o mais proprio para integrar a organização ideogenica do livro. A maneira do poeta, os seus processos, a sua technica têm a mesma ordem musical dos motivos.

O estreante é um apaixonado exalçando e utilizando

a paixão, consoante a philosophia esthetica de Rous-sel-Despièrres nos seus luminosos apophtegmas. O que trescala de tantas poesias é o hymnario da beleza como sentimento e como forma.

Eis porque, procurando discernir deante a feição plastica das rimas a escola a que está filiado o poeta, não sei distinguir o parnasiano do lyrico e evito destacar como termo de mediação o symbolista. Matheus de Albuquerque tem a idolatria da fôrma, como parnasiano, mas a fôrma para elle não é senão a exteriorização symbolica da alma ; por isto mesmo é vel-o no seu lyrismo, poetando como latino, sem ser arrebatado pela vehemencia dos tropicos, para gosar entre muros de Roma os melodiosos transportes e a inspiração sentimental do Virgilio das *Eglogas* ; seria o symbolista si quizessemos determinar neste termo a transfusão do parnasiano e do lyrico, e jámais ao veso commun dos chromophilicos delirantes, atacados de dysphrasia na desordem dos seus versos hyper-subjectivos.

O poeta desbasta ao marmore do verso todas as asperezas, retoca, illumina ; nos sulcos do cinzel palpitam-lhe as emoções. Eil-o então que amolda a estatuaria de Pan, no recesso original da natureza bucolica. Em volta á pedra estellar, trespontam, em partes diversas, as melancolias do inverno, os rigores do estio, a desolação do outomno e finalmente o canto primaveril, como a apotheose da natureza. Pois os aspectos, ahi, são os periodos do amor fecundo ; este,

o poeta o aspira no recolhimento do seu ser indeciso, entre a eclosão e os estados gradativos dos elementos universaes; elle ouriça triumphalmente, depois, «glorificando a vida».

A estreia de Matheus de Albuquerque é uma das mais auspiciosas; colloco-a no rol das excepções brilhantes. Porque estreias, é verdade, não faltam por ahi; estreiam de quando em quando os erotomanos, da escola de B. Lopes, com o amor obcecante de duquezas, cujas imagens monstruosas, pela desconnexão de idéas, dão de adivinhar os desvios vesanicos dos autores; os autophiliacos, expondo a propria personalidade, desvirtuada e exagerada, aos empurrões da gafa dos vocabulos, que reveste aleijões atacados de satyriase; paranoicos de onomatopoiése, refocilando como em estercorario nos neologismos, para preencher as reticencias da imaginação empedernida, uns e outros desfloradores da obra de Alberto de Oliveira, de Bilac, de Raymundo Correia ou de Cruz e Souza, da qual transformam primores, ahi perfeitamente nitidos, em detrictos suspeitos, esvurmados pelos seus craneos plagiocephalos; estreias têm havido ás centenas, mesmo os velhos de feição fossil laboram, mas não ha entre tudo, penso eu, uma duzia de publicações prestaveis, desde algum tempo.

O poeta honrou sobejamente a sua idéa com a expressão mais soberba. O successo do seu livro ha de ser duradouro, porque este é uma obra sincera e flagrante.

Visionario é o producto de uma rara visão esthetica, sem a regressão idéativa dos versos que lemos commummente nos jornaes e nos livros, por isto que apanha com precisão o pensamento deste periodo transitorio da poesia, dando-o com resplendencias no livro rythmico.

Cousin encontraria nelle palmeada a unidade da belleza, ou a identificação da natureza moral com a physica, o que, integralizado, um dia fará a suprema crystalização da esthese. *Visionario* dá alguns passos gloriosos neste caminho...

No livro de Matheus de Albuquerque resalta em suas 120 paginas a harmonia perfeita da natureza, quer onde se nos revela a paizagem physica, quer onde fulge o scenario maravilhoso da alma: não ha ahi a menor saliencia, porque tudo é vivido e real.

Entre as magnificas poesias do bellissimo trabalho, distingo por serem typicas a *Resurreição* e a *Transfiguração*.

Na primeira diz o poeta, cuja éstro é impeccavel:

«Como louca avalanche, a rolar das montanhas,
Amplas searas em flor, riquissimas, devasta,
Varreu do meu paiz, em convulsões tamanhas,
Os pomos de ouro fino a torrente nefasta.

.....

Estrangulando a paz dos meus dias risonhos,
Deixaram-me sem luz os féros invasores.
E eu despira na treva a tunica dos sonhos,
E eu rasgara na treva a syrma dos amores.

.....

Chegaste ! E, á tua vinda, as azas desdobrando
 No azul, e ás mãos trazendo uns rutilos diademas,
 De anjos, sobre nós dois, baixou ruidoso bando,
 Entre nuvens de aroma e irradiações de gemmas.»

Estes versos caracterizam a idéa e a arte do poeta ; podem as tempestades uivar, podem os raios esfusiar nas cristas das vagas rugidoras, o poeta restaurará de certo a tranquillidade dos lagos, n'alma, como na vida universal os cyclones e as borrascas são episodios e a calma estrellada do firmamento o aspecto verdadeiro da natureza cosmogenica. O amor não é typicamente senão a harmonia da vida ; soluça, impréca, espera, desespera, mas afinal só se integra em sua feição authentica, quando é equilibrio na vida e a gloria da vida.

Por isto mesmo, o poeta registra em versos admiraveis a natural *resurreição* dos sonhos mortos, dizendo :

«Eis o nosso universo, onde o infortunio cessa,
 E renasce da vida a gloria soberana !
 Cantam rios de sol na Terra da Promessa
 E dos sonhos triumphaes desfila a caravana.

Ostentemos, divina, aos olhos deslumbrados
 Do mundo, este esplendor de paz indefinida !
 Vamos, dentro da luz, unidos e sagrados
 Pelos beijos de amor, glorificando a Vida.»

No livro cousa alguma se resente de falta de concepção ; a fôrma, por sua vez, é sempre rutila. Um

discipulo de Veronez illumina as suas telas como as lições de esthesia philosophica que Despièrres concebe.

Vejamos ainda :

«Quando da vida os amplos horizontes
Rasgaram-se aos meus olhos, como fontes
Donde surge a verdade soberana,
Era meu vulto mystico e sombrio
Uma palmeira nua em chão bravio,
Symbolizando a desventura humana.

— Alta palmeira brava,
Que, em pleno sol de estio,
A neve coroava.

Hoje que, sob um sol de maravilhas,
Corres ao meu encontro, e um chão palmilhas
Illuminado de clarões divinos,
Na gloria da alegria que me inunda,
Em tuas mãos sou arvore fecunda,
Sou floresta de frutos purpurinos.

— Floresta dos que se amam.
E que, em perpetuos hymnos,
Os passaros acclamam.»

O *Visionario*, cujo apparecimento teve as mais elogiosas referencias das gazetas de hontem, merece ser lido com alma, pelos que se não deixaram enervar com a senectude dos nossos versejadores. E o poeta, a quem agradeço a bondosa offerta de um exemplar do seu livro, e que contava de muito as minhas sympathias, recebe agora nesta noticia o obscuro pretoito de minha sincera admiração.

Mario Rodrigues.

MATHEUS DE ALBUQUERQUE

O *Visionario* de Matheus de Albuquerque, cuja segunda edição a casa Chardron está preparando, sagrou-o em todo o paiz um poeta excepcional. Toda a critica, de norte a sul, o recebeu com justiça. Sylvio Romero dedicou-lhe um artigo apothéótico e a edição do *Visionario* esgotou-se rapidamente, cousa phenomenal no Brasil para um livro feito na provincia e na provincia apparecido.

Mas eu conhecia Matheus de Albuquerque antes da apparição do *Visionario*. Foi no Recife, ha alguns annos. Eu titubeava nas primeiras tentativas literarias. O poeta subia de consagração com os versos publicados nos jornaes e era já um dos unicos escriptores que numa cidade de jornalismo chronico e de pedantismo hostile, se arriscavam a escrever elegantemente a prosa portugueza. Matheus de Albuquerque tinha já publicado *As Montanhas, As Florestas*, o

Bohemio, a *Alma Errante* que todos nós os estudantes da Academia que sabíamos ler — e eram raros, raríssimos, dez ou doze, num corpo de quinhentos — decorávamos e recitávamos bellicosamente no *Jardim das Palmeiras* (Praça da Republica). Foi ahi por coincidência que vi pela primeira vez o poeta, numa tarde em que havia musica intoleravel, mas uma transparencia de céu, uma discreção de folhagem, uma doçura de ar que foi propicia ao resôo da grande musa. Dissemos ambos, no improviso de uma intimidade ardente, os versos magnificos. Matheus de Albuquerque que tem, de commum, a firmeza de gestos de um deus honesto, crepitou nesse dia, ao toque do meu entusiasmo, numa exaltação verdadeiramente dionysiacca. Desde este momento ficámos absolutamente amigos. Annos passaram e um dia, na banca do jornal onde então «terçava armas», appareceu-me, editado pelo Nogueira — o Manoel Nogueira de Souza da Livraria Economica, uma das melhores pessoas de Pernambuco — o livro de Matheus, todo branco, aristocratico, ostentando as largas letras do seu titulo sonoro. Lá estavam, agora todos unidos, como numa theoria, os versos que eu conhecera e amara esparsamente, formando, numa ordem cuidada, o bello poema da adolescencia. E o livro, com essa captivancia da belleza que é pura e que é verdadeira, installou-se definitivamente na minha vida; foi meu confidente, dizia as minhas sensações confusas e, divinamente, interpretava, em certos momentos de atrapalhação

sentimental, as crises tormentosas da minha alma, nesse tempo. Quantas vezes, em insomnias dramaticas, solitariamente, ao longo do Capibaribe, na consternação do luar de Pernambuco, onde o governo, por agradar os romanticos, não permite lampeões accesos, não me achei a repetir :

Ó alma que procuro, ó essencia divina
Onde sonho florir a graça do universo...

Este viver intensamente, este intimo contacto com o livro me fez conhecer na sua vibração essencial, no descortino, na subjectividade, a poesia de Matheus de Albuquerque, e os signaes typicos da sua sensibilidade, do seu espirito. Qual é a natureza desse poeta ? Qual a sua escola, a sua orientação esthetica ? Matheus de Albuquerque será um parnasiano, um symbolista, um poeta essencialmente lyrico, um «poeta maldito» ? será um «emotivo puro», um «visual simples» ? Antes de tudo : Matheus é um verdadeiro poeta, um grande poeta, com a sensibilidade mais fina do que brava, mais subtil do que violenta. Mas não ha reduzil-o aos lineamentos fixos das escolas, nem ha determinar-lhe archetypos — fóra das naturaes influencias technicas — á imagem das quaes se lhe affeiçoasse o estro. É um solitario. Sobe a montanha,

Orgulhoso e feliz, o olhar preso na altura...

A sua attitude diante do mundo é a da embriaguez lyrica diante da natureza ; o senso do contraste

dramatico entre o destino e o homem e a affirmação num idéal que é luminoso, ethereo e que relembra o sonho Shelleyano (Alastor), idéal que se não define, que é impreciso, fluctuante, vago...

A vida para Matheus de Albuquerque é todo um aneio desse idéal, todo um caminhar para esse longe, todo um seguir de visões...

Os versos do *Visionario*, da *Alma Errante á Transfiguração*, resumem a sensação desse aspirar... O idéal por vezes veste a fórma de uma mulher branca e subtil, que logo se desfaz na «sombra», na «luz», na «harmonia», no azul ethereo, no segredo das arvores, na vastidão dos elementos, e nunca um poeta pantheista attingiu entre nós a essa disseminação animica do ser, a essa dynamisação fluida da alma pelo mundo... Eu quizera poder exprimir, com a eloquencia precisa, a sensação do dramático, a emoção do pathetico que me suggerem todas essas estrophes em que o poeta só, com o seu idéal, a cabeça em febre, o olhar ao longe, o sangue a fremir, paira na contemplação do mundo que se agita, que resôa, que clama, que referve, que estrondeia, que turbilhona... florestas que se deflagram; nuvens que commovem o céu; rios que param; montanhas que se esboroam ou que se illuminam; céos que tempesteam ou se illustram de auroras e de estrellas, toda uma conflagração das forças e dos elementos, que ora se apazigua numa tranquillidade tremenda para logo continuar o seu formidavel embate. Quizera ex-

primir o vigor emocional destas estrophes que vão da *Alma Errante* á *Transfiguração*, cuja superioridade nunca poderá estremecer o grande publico, que decóra e recita, e sempre acobertarão Matheus de Albuquerque dos applausos faceis, das admirações frivolas dos leitores contaminados nos aphrodisismos baratos dos troveiros que por ahi esfervilham... Nem posso copiar aqui os versos que mais ao vivo me impressionam.

Mas quaes são os caracteristicos intellectuaes, sentimentaes e technicos dessa poesia? Matheus de Albuquerque será antes um cerebral que um emotivo? Na sua obra a virtude de comprehender e de conceber se integra num equilibrio que attinge á unidade, com a virtude de sentir e de vibrar. Nella, porém, não se estadeiam attitudes graves; o poeta não quer sondar o universo, explicar o mundo, fazer philosophias, hypotheses abstractas, nem apostillas sonoras... Se eu tivesse de definir num só termo o espirito de Matheus de Albuquerque, eu escreveria — é um *aristocratico*. Isto para significar a finura da sua sensibilidade, o desdem do seu olhar pelo mundo e pelas situações da vida onde a belleza deixe de apparecer por si mesma, onde os sentimentos exprimam mais que o gesto de harmonia, que a attitude de força. Os soffrimentos, as dôres, as agonias, as lutas dos homens entre si não o attingem. A *Torre de Marfim*, para elle, perde a sua inexpressão de logar commum. Vê o mundo do alto, numa perspectiva de conjunto.

No mar, o que o impressiona não é a crista de espuma que irisa a onda, mas a grandeza, a vitalidade monstruosa, o mysterio de infinito, a tragedia permanente.

Matheus de Albuquerque nunca seria um poeta parnasiano, nunca o tentaria uma descripção, nunca desejaria representar uma realidade objectiva com integridade photographica. Elle dirá, vendo a paizagem, a sensação que sentiu.

A mulher é-lhe, da mesma maneira, um estímulo ás suggestões da imaginação, ás imagens; elle não dirá a côr do olhar da amada, o seu nariz, nem a curva da perna, nem o tamanho do pé, por mais bonito que seja. Dir-nos-á a emoção que o illuminou e como ao aristocratico que só fala de si e só attende ás suas proprias sensações se junta o pantheista, o mundo que o cerca, o mar, o céu, a humanidade, tudo se agita...

O amor, nelle, nunca se esquentia na volupia sensual, nem se mysticisa nos extasis dos romanticos: é o grande amor de Pan, a irradiação larga da sympathia, alguma cousa da alegria acclamadora, do entusiasmo generoso... E o poeta, symbolo da força triumphante, na expansão do amor que a ventura divinisa, é grande arvore de «frondes opulentas», abertas ao pouso dos passaros e ao cansaço dos homens. Sobre a humanidade toda se espalha a generosidade, a purificação, o consolo, a luz:

«A mim! que de mim corre um luminoso rio
— O pão dos que têm fome, o sol dos que têm frio —
Nos frutos deste amor, na gloria destes ramos!»

Nesta poesia da *Transfiguração* que remata em tão perfeitos versos está, essencialmente, toda a alma do poeta, todo o poema da adolescencia sonhadora e animadora.

Matheus de Albuquerque vive no Recife esta vida de arvore socegada e venturosa, ramos a crescerem, seivas abundantes, alegrias de côres; arvore nova de sombra limpa, que tão doce me foi por largo tempo.

Foi desse isolamento fértil que jorraram os rios luminosos dos largos alexandrinos onde agora novamente me banho e me deleito, rios claros, vastos, sonoros.

Estes alexandrinos de Matheus são, na verdade, maravilhosos. O velho Sylvio teve razão de vibrar em apologia delles o seu vozeirão de athleta. Elles deslumbram e encantam pelo equilibrio, pela ordem, por esse correr amplo de caudal illuminada, segura e lenta, que ás vezes se anima numa impetuosidade de correnteza que fragóra, rebôa e redemoinha em curvas que se alteiam e logo se distendem em mansidão desafogada.

Nestas estrophes, a luz não se exaspera em incandescencias, nem se dilue em meias tintas: é clara, forte, igual; nunca o colorista que as aviva em tons tão limpidos se desvaira na mania do pechisbequismo verista, do chromatismo das miniaturas chinezas, nesta chamada arte em que a factura externa se banalisa em industria de colorido e onde se obriga á palavra dansar um minuete hysterico, fragmentam-se

rythmos, na ancia de supprir a originalidade do estro pelo exotismo do processo. Vejam no *Visionario* a eloquencia proporcionada, a ondulação segura e como o estheta atilado, o vocabulista energico consegue crear a imagem que nasce de si mesma no impeto da emoção, a suggestividade e o relevo.

É que Matheus de Albuquerque tem todas as virtudes illustres do artista verdadeiro.

Por isto, de certo, é que eu o amo tão enternecidamente.

Rio, Outubro, 1910.

Gilberto Amado.

FRAGMENTOS DE OUTRAS APRECIACÕES

Voltei a ultima pagina do *Visionario* de Mathews de Albuquerque, e uma forte sensação, forte e ao mesmo tempo suave, se me alastrou pelo intimo, como se emergisse de um banho aromatico onde fosse retemperar o organismo, encontrando novamente energias perdidas. Bebi-as sufregamente na intensa e prolongada esthesia que vibra da primeira á ultima pagina, e se communica ao leitor, através dos versos de feitura majestosa, cuja trama envolve uma série de nobres idéas e de sentimentos nobres, palpitando com a mesma tensão nervosa, sem os arrebatamentos que desvairam, antes com a austeridade de pensar que não implica, absolutamente, no verdadeiro poeta, a ausencia de inspiração. Lyrico de um empolgante e sadio lyrismo, o novel poeta se nos antolha um scismador forrado de idéalista, seguindo e praticando o «idéalismo divino de Spinosa, idéa-

lismo que absorve o sujeito no obtecto, idéalismo em pró da natureza e pelo qual o homem desaparece no oceano do infinito.»

Artista de fina raça, que sabe manejar o cinzel, desbastador dos anfractos do marmore, até affeiçoal-o na bella estatua pagã, de fórmãs esculturaes e feições hieraticas, ha, sobretudo, nòs versos de Matheus de Albuquerque um extravasar de saude d'alma abundante, como seiva rica e fecunda que se alastra e sobe, tronco acima, ganhando os ramos, irrigando toda a arvore, até ás folhas onde a luz a recompõe para voltar de novo ao trabalho de vitalisação.

Theotonio Freire.

* * *

Visionario, com ser um livro de paixão e imaginação, é um livro serio e honesto. A sinceridade dos conceitos resumbra da fórmula correctã e commedida, sem exaggeros de phrase, sem extravagancias de estylo. O verso é perfeito, fluente, proporcionado á idéa: não se lhe notam dissonancias, não se lhe vêem rimas propositalmente procuradas, nem alluviões de palavras para exprimir idéas simples. Exemplo de todas essas inestimaveis qualidades são os alexandrinos seguintes:

Passas, branca e subtil, na aureola soberana,
Mais santa que mulher, mais divina que humana.
E a essencia do meu ser se evapora a teu lado,
Como um beijo immortal, sem fogo e sem pecado...

Mas onde o poeta pantheista se revela em toda a sua pujança e naturalidade é neste soneto que não posso deixar de transcrever :

Verdes mares sem fim, céos transparentes,
Frondes — patria de ninhos e cantores ;
Claridades de auroras e poentes,
Melodias de avenas e pastores ;

Raios que fecundaes, claros e quentes,
A terra virgem ; lyricos rumores
Das noites brancas ; cytharas gementes,
Pulsando em meio de velludo e flores ;

Ó lua que as estrellas arrebanhas,
Rios, florestas, valles e montanhas,
Auras que sussurraes num doce arpejo ;

Ó natureza de immortaes encantos,
Ouvi : pleno de anhelos e de espantos,
Cantou-lhe á boca o meu primeiro beijo !

Não conhecemos canto mais enthusiastico, hymno mais alto e solenne do que esta invocação de todas as forças do universo para que testemunhem — caladas e respeitosas — á celebração do rito inicial do amor : o primeiro beijo da mulher amada. O soneto de que fizemos leitura numa reduzida assembléa de amigos, provocou uma acclamação unisona de applausos, vibrante e espontanea como a propria harmonia que resalta dos versos.

Não nos queremos despedir do leitor e do poeta

sem duas palavras sobre o poemeto *Transfiguração*. Cremos que é a melhor composição do livro ; é ahí que se accentuam todas as facetas do espirito de Matheus de Albuquerque. Á riqueza de imaginação e ao colorido quente da linguagem se allia, mais apurada, a delicadeza e seriedade da expressão.

Da arvore isolada e perdida,

«Da terra culta e bella um selvagem producto,»

que elle era na existencia, o poeta se transforma em feracissima planta formosa e alegre ao simples fulgor do semblante da mulher querida. E não contente de gozar a felicidade do seu amor, a arvore transfigurada quer tornar ditosos os elementos ambientes, os seres que a rodeiam, as aves que lhe voejam ao derredor, os ares que lhe favoneiam a ramagem, a terra onde se lhe embebem as raizes, o azul que de longe lhe contempla a beatitude do seu eterno esplendor.

Carlos Porto Carreiro.

* * *

No intenso subjectivismo, quasi incondicional, do *Visionario*, agora sahido a participar de um magnifico triumpho, patenteia-se-me á primeira vista analyticaltica, isto que, decorrente de um postulado de esthetica, se poderia chamar a exaggeração de uma virtude. . . Isto, aliás, não consegue chocar-nos quando, como no caso occorrente, tal virtude se affirma com

a natureza evidente de uma característica pessoal e se traduz e exterioriza como uma fecunda fonte de belleza.

Quer na explanação de cada emoção intima despertando e fazendo vibrar as cordas mais obscuras da sua sensibilidade de estheta, quer quando essa emoção é acordada pelos phenomenos exteriores e pelas paizagens (bem que essas paizagens inspiradoras não sejam trechos reaes e particularizados da natureza, senão fórmias geraes e aspectos permanentes que na propria incorporeidade se fixaram e se plasmaram na esthesia do poeta) — o autor do *Visionario* empresta uma feição apocalyptica que communica ás cousas, aos phenomenos e ás emoções, mas de uma grandeza que na propria ampliação, conserva o dom intestimavel de não desfigurar este pequeno universo que o seu estro inflamma e transfigura na substancia immortal que é o seu elemento

Manuel Arão.

* * *

Desde a *Paizagem Espiritual*, onde a natureza é placida e tranquillã, o azul sereno e contemplativo, e o espirito se concentra em doce recolhimento, para gozar a imaginação de mundos ignotos, até á *Transfiguração*, soberba these pantheista, de raro lavor, tudo nesse livro desperta á alma de quem o lê nostalgias indefinidas, em que é grato esgotar o delicioso encanto das emoções.

O poeta se transfigura numa arvore, por exemplo ; rugem-lhe os vendavaes á fronde, o nordeste joga-lhe o tronco, soluçando, ás entranhas da terra, ou cresta-lhe o sol as folhagens e os frutos, estarrecendo-a, feroz, (a eterna scena da vida, assaltada de continuo pelas borrascas e os rigores estivaes da luta e da descrença) ; mas o que se nota, entretanto, o que se apprehende de tudo, num completo esquecimento desses tons carregados, é alguma cousa de dolente e de meigo, trespassando da scena — o canto ameno das aves primaveris, que não morrem nunca, entre os ninhos balouçantes aos sôpros furiosos dos elementos.

A *Transfiguração*, uma das melhores poesias do livro, toda ella feita de alexandrinos lapidares, exhibe a *psyché* do poeta ; elle póde tecer o seu rimario na crista dos vagalhões, na violencia dos cyclones — somente o que se percebe, por mais agitado que seja o quadro, é a transparencia dos lagos calmos onde Venus se espelha á noite com as suas lagrimas de ouro.

Jornal do Recife.

* * *

A juventude radiante do poeta que guarda na alma, sempre renascente, a flor da virgindade — privilegio dos que sonham — enche de canticos, de devaneios, de esplendores, de sonhos e, sobretudo, de extase amoroso as paginas do *Visionario*.

O livro obedece a um plano, que é talvez unico nas collectaneas de versos brasileiros. E na concepção delle foi Matheus de Albuquerque felicissimo.

Tão bem dispostas se acham ahi as poesias que a primeira estrophe e a ultima podem ser consideradas o inicio e o fim do entrecho adoravel de um romance da adolescencia.

... Outra qualidade de Matheus de Albuquerque é traduzirem os seus versos imagens interiores, estados d'alma. Com os aspectos exteriores, a sua alma de verdadeiro lyrico entra na mais intima communhão, e o symbolo poetico nasce dessa harmonia, dessa transusão espirital do ser na alma do universo, no espectáculo das forças naturaes, que encerram uma permanente lição de perfectibilidade, um encorajamento á vida e á gloria.

Nunca elle contemplará os valles, as florestas, as montanhas, as campinas, com a impassibilidade parnasiana ou com a indiferença morbida do decadente. E isto define a esthetica do *Visionario*. É um livro de alma, um livro pessoal de artista verdadeiro, caracteristico. Não ha incluil-o no rol dos parnasianos, symbolistas e seus multiplos variantes. É um poeta que sente com delicadeza, que odeia a banalidade e cujas poesias são como as poesias dos verdadeiros lyricos — gritos, emoções d'alma, suspiros, aspições, alegrias, acclamações, tudo representado numa fórmula, cuja belleza indiscutivel não é conseguida para attrahir por si mesma, mas para realçar

ainda mais a belleza das idéas e sentimentos que traduz.

O *Visionario* deve, pois, ser lido carinhosamente. As moças, as nossas irmãs, as noivas o lerão com encanto. Os intellectuaes, os artistas, além das qualidades proprias que assignalei, terão a observar, com prazer, a ancia heroica de perfeição que nelle se demonstra e que elege os homens ao direiro de um applauso maior.

Ainda hoje, o meu Ruskin dizia-me que só a arte póde conduzir os homens á unidade. Ampliando esta fórmula, bem se póde affirmar que só esse desejo divino de sobrepujar-se a si mesmo pelo cultivo das virtudes intellectuaes póde, no mundo d'arte como no mundo moral, realizar o milagre de congraçar a tendencia desigual dos homens na harmonia de um idéal soberano.

Bemdito o livro que com o exemplo que dá, aviva no homem o estimulo dessa aspiração.

Da secção *Golpes de vista* do *Diario de Pernambuco*.

* * *

Póde-se-o ler com lagrimas de enternecimento porque o decôro das expressões mais rebuscadas não atenua essa proporção definida com que a dôr se funde no conjunto das emoções, tornando-se immanente na

mesma alegria, por essa lei mathematica que unifica os extremos; mas nunca se o lerá com esse travor nihilistico, que nos deixa no esophago estrangulado o succo negro das *Flores do Mal* ou a sombria lenda desses *Amores jaldes* de Corbière.

Ha nas suas lindas paginas uma doçura idyllica de *Paulo e Virginia* e aquella mesma gravidade airosa do estylo magico de Saint-Pierre.

Carlos D. Fernandes.

* * *

O nome de Matheus de Albuquerque está intimamente preso ao nosso affecto : seguros cirrus de sinceras sympathias, ha muito, já nos ligam, na mais espirital e feliz camaradagem. Vimos, de perto, o desabrochar da sua intelligencia poderosa e, de longe, embora, hoje acompanhamos, com interesse e amor, o brilho da sua carreira literaria, que é a affirmação completa da energia do seu espirito potente. Conhecemos toda a delicadeza da sua alma avelludada e meiga, irradiando numa bondade infinita, harmonizando-se, tão felizmente, com a serenidade mystica do seu semblante de visionario perdido no turbilhão luminoso dos seus symbolos.

Carlos Pontes.

* * *

A leitura de toda a obra trouxe-me a convicção de que o sr. Matheus de Albuquerque (que eu não conheço) é um poeta de raro merecimento, correcto, inspirado, espontaneo e original, conseguindo manter essa mesma linha através de todas as paginas do livro. Pode, por isso, ser citado ao acaso :

Aos vermelhos pendões de guerra desfraldados
Em terra e sobre o mar, á flor de alvas espumas,
As turbas varonis, em canticos e brados,
Marcharam, no esplendor das lanças e das plumas.

E por toda a extensão dessa encantada terra
De pomares em flor, de limpidas cascatas,
Fez-se ouvir o clangor das buzinas de guerra,
Do coração do oceano ao coração das mattas.

Fogo — subindo o espaço em rutilas serpentes!
Sangue — banhando a terra em diluvios vermelhos!
Ah! céos, rigidos céos! ficastes inclementes
Ás supplicas que então vos dirigi de joelhos!

São assim, rijos, sonoros, fortes e inspirados, sem traça de pacholice ou de preciosismo, todos os alexandrinos do poeta.

Osorio Duque-Estrada.

* * *

Matheus de Albuquerque afigura-se-me, pela beleza exterior dos seus versos, o representante fiel da

esperançosa pleiade nortista que ora colhe as primeiras flores exuberantes do seu talento poetico. Sua poesia, forte e incontida, lembra uma enchente, avançando tumultuariamente, no impeto das aguas precipitadas. O observador põe-se á margem, olha-a descer, e, na passagem, sente, por vezes, velhas melodias conhecidas noutras aguas lyricas, cuja corrente ella cortasse na sua arrojada marcha auroral.

Dá-se assim nos sonetos, bem lavorados e cantantes, onde apparecem Bilac, Antonio Nobre, defluindo através de um temperamento tropical, e, remotamente, embora, Alberto de Oliveira, alma grega renascida numa volta do Parahyba. Será isso um defeito? Não. Todo livro de estréa comporta essas reminiscencias de que o autor não terá jámais responsabilidade. Demais, não ha no *Visionario* um verso que recorde totalmente verso lido em qualquer dos seus maiores.

E Matheus lembra Bilac, como Bilac, estabelecida a correspondencia relativa, lembra Heredia ou Stечetti, que, por seu turno, desperta, no *Canto del Odio*, recordações da *Charonte*, de Baudelaire. Filiação litteraria naturalissima, inevitavel na época em que a intelligencia é principalmente uma incontentada curiosa, ao mesmo tempo que a paixão da publicidade, céga, como todas as paixões, impede se distingam, nitidamente, as claridades do alheio fulgor traiçoeiramente interpostas no nosso poema.

José Vieira.

* * *

Trata-se de um poeta masculino, forte, sonoro, conhecido da lingua e da sua arte. Poucas, raras mesmo, foram as estréas de poetas nossos comparaveis á de Matheus de Albuquerque. Nada de pieguismo se lhe nota; nada de preocupações pueris; um sôpro de philosophia por todo o livro perpassa. Por seu livro de estréa, superior, é bom repetir, a muito livro de estréa de poeta já consagrado, se pôde aferir do seu porvir no mundo das letras. É um acontecimento literario o apparecimento de Matheus de Albuquerque.

Pedro do Couto.

* * *

O que caracteriza o poeta — repito — é ser poeta. Matheus de Albuquerque é-o vantajosamente. Conhece os esoterismos da sua arte, sabe aproveitar-se desse conhecimento, faz muito bem as phrases, extrae-lhes bonitos effeitos e, talvez em razão disso, a sua poesia é suave, unctuosa, delicada. Solenne como um orgão em cerimonia religiosa, elegante como a esposa de um embaixador europeu, meiga como um arrulho columbino. Ora guarda uns extases de tarde primaveril, ora suggere idyllios nupciaes e, sempre, uma nota amorosa muito pura e superiormente mystica.

Hermes Fontes.



De uma vibratilidade communicativa, intensa e espontanea, respeitador das regras e preceitos da metrica e da arte poetica ; sem os exaggeros e preciosismos da pura perfeição da fórmula, nem rebuscamentos e archaismos de expressões ; rimando, porque a rima lhe é facil e natural ; forte no dizer e forte no sentir, o novo poeta nortista é de um objectivismo alado e as descripções raras do seu livro não são paisagens, são sim enquadramentos, feitos de trechos da vida exterior, encaixilhando estados d'alma definidos.

Quando de futuro esse poeta se libertar das peias impostas pela necessidade da rima e fizer a poesia conceituosa e profunda que está estuando dentro dos seus primeiros versos, poderá dar-nos bellos poemas, como hoje nos faz gozar as bellezas de poesias como — *Transfiguração* — capaz ella só de firmar a reputação litteraria do autor.

Uma semente trazida talvez no bico canoro de algum passaro, ou nas azas tempestuosas da borrasca, cahiu na terra e germinou dentro da floresta : nenhum exemplar similar havia na matta e a arvore cresceu e dominou, só, sem um ser de sua familia. Um dia a transfiguração se realizou : a arvore esteril recebeu no seio de suas flores infecundas, vindo de antheras invisiveis, o pollen fecundante e esperado durante annos de tristeza e solidão.

E dessa embriaguez dos elementos suaves,
Do limpido frescor dessa festa pagã,
Uma parcella errante e alada como as aves,
— Um raio de sol no crepusculo das naves —
Fez-me da muda treva idyllica manhã.

É perfeitamente o symbolo das *almas irmãs* que se buscam, que se presentem, que se adivinham, e ao primeiro encontro se reconhecem, ou morrem insatisfeitas. A satisfação de ter encontrado o sentido da vida, o fim para que foi creada, é bellamente descripta nas duas estrophes finaes, que não me furto ao prazer de transcrever.

Ó passaros que attraio ! Ó noivos que abençoão !
Vêde esta pompa de ouro em fructos virginaes,
Esta fronde opulenta, aberta ao vosso vôo,
Esta sombra aromal, com que vos galardão,
Para a celebração dos vossos esponsaes !

Peregrinos, que andaes num secular transvio !
Almas, que o mundo encheis de pragas e reclamos !
A mim ! que de mim corre um luminoso rio
— O pão dos que têm fome, o sol dos que têm frio —
Nos fructos deste amor, na gloria destes ramos !

Fabio Luz.

* * *

Entre os nossos jovens poetas, elle se destaca, como poucos, pela elevação e amplitude da sua inspiração, pelo requintado apuro da sua technica, pela

grandeza e a belleza, em summa, dos seus versos. No Brasil toda a gente faz bons versos, no sentido da correcção metrica e da graciosa harmonia ; é um predicado geral, essencial da raça. Mas, com tantos rimadores, os verdadeiros poetas escasseiam. Aquella famosa condição do mestre espanhol — *hay que poner talento* — que o sr. Osorio Duque-Estrada cita na sua excellente *Arte de fazer versos*, raramente é observada a rigor. . . A maior parte dos versejadores se contentam em pôr os accentos no lugar devido e dar ás rimas uma perfeita afinação. Exigir-lhes o «resto» seria condemnal-os ; a critica, em geral, não lh'o exige e faz bem, porque não adeantaria nada com isso e, procedendo como procede, sempre exerce uma obra de misericordia que não consta do Catecismo mas é, sem duvida, a mais necessaria á felicidade humana. . . Ora, o sr. Matheus de Albuquerque não precisou de generosidade nem de condescendencia alguma, para ser considerado um verdadeiro poeta ; por isso a sua estréa teve aquelle exito excepcional.

João Luso.

* * *

É um livro de versos, quasi todos alexandrinos. Esta apparente monotonia é brilhantemente resgatada por soberbos lances de inspiração e talento. Vê-se bem que o poeta, no arrojo das imagens e no brilho dos conceitos, é um conterraneo de Fagundes Varella

e Alvares de Azevedo ; como na delicadeza do estylo e no vaporoso da paizagem é, por igual, compatricio de Olavo Bilac. Aquella exuberante natureza tropical dá, muitas vezes, como agora, á poesia brasileira calores e aromas, que raramente nos afagam na zona temperada da Europa...

Candido de Figueiredo.

* * *

Entre a primeira poesia e a ultima do seu livro seria preciso escrever uma a uma, todas, para applaudir convenientemente quem as produziu. É uma delicia lel-as, e lel-as mais de uma vez.

Os poetas brasileiros deste tempo hão de ser mais lidos, conhecidos e apontados, quando de futuro a população for muito maior, e a lingua portugueza for falada e cultivada na America, na Africa, onde já floresce um grande imperio portuguez, e mesmo na Asia, e na Europa, seu berço, e onde a nossa lingua vae sendo espalhada e conhecida.

É escrever sempre. Um grande poeta e moço, como este, deve amontoar livro sobre livro. É um rico presente feito aos literatos, e uma dadiua rica á nossa patria... á humanidade, emfim.

Luiz Delphino.

* * *

Matheus de Albuquerque é um delicado, inundando os seus poemas de flores, aromas e risos. Não chora convulsamente ; as suas lagrimas são limpidas, as suas maguas serenas. Os seus amores são muito puros. Ao dar o beijo nupcial, não canta a carne da mulher que se entregou ; invoca as arvores, os céos, a natureza toda, para proclamar a suave embriaguez de uma caricia immaculada. Os seus versos têm um rythmo cadenciado, igual, sem cortes bruscos ; descrevem-nos friamente as paizagens reaes, mas comprazem-se deliciosamente na invocação das paizagens de sonho, das visões fulgidas e castas de mulheres idealizadas. Cortejos rutilantes perpassam em cavalgadas de triumpho ; e hordas devastadoras despenham-se sobre os seus castellos de Espanha, dismantelando-lhes as barbacans de lenda e as torres de sonho. Fecha-se o seu livro com os olhos cheios de vagas reminiscencias de vergeis, de auroras, de céos azues, de tranças louras e de brandos sorrisos. Só a ode a Martins Junior, a *Canção de Inverno*, e algumas quadras de outros poemetos acordam visões severas ou heroicas.

Luiz da Camara Reys.

* * *

...Mas é tempo de descermos desses alcantis es-

plendurosos em que está o poeta da *Transfiguração*: temos, até aqui, observado a personalidade do artista; vamos agora enfrentar a personalidade do homem. Por vezes temos lido uns tantos conceitos em que se tenta justificar a pretensa distincção entre a individualidade do artista e a do homem. Uma abstracção, com a qual não nos podemos ainda conformar, pelo que continuamos a prezar a integralidade do artista e do homem, fundida nesta preciosa liga de — talento, character e bondade.

Matheus de Albuquerque não está ainda incluído no rol das «intelligencias degeneradas». O equilibrio, a cadencia, a calma que nós vemos irradiar do seu livro, são o reflexo da nobre e austera individualidade do autor.

Alli não ha fingimentos. A dôr e a duvida, o amor e alegria foram, devéras, sentidos. E assim nos exprimimos, porque, em troca e critica de idéas, por alguns annos convivemos, companheiros de trabalho. Nesse tempo, o seu espirito, occulto no estudo e na contemplatividade, elaborava-se para ser o diamante que hoje refulge ao sol da victoria.

Tivemos a honra de ser o confidente dos seus primeiros trabalhos literarios feitos com invejavel calligraphia e publicados no celebre *Orbe* que foi, na imprensa alagoana, o paranymphe de muitos e juvenis cultores da arte de escrever. Matheus de Albuquerque era então, como ainda hoje, um entusiasta das solidões.

...O vulto esguio do creador do *Visionario*, o seu retrahimento, a sua phisionomia pallida, taciturna e abstracta não lhe consentiam a conquista de muitas sympathias, occorrendo ainda que elle tinha o bom gosto de evitar as convivencias tediosas, cujo contacto, quando não destróe, estraga a florescencia do que palpita em nós de puro e humano.

...Que nos seja util o seu exemplo! Iniciou a vida em luta num circulo de ferro, revestido da serena e commovedora bravura dos altivos concidadãos de Pericles no repellir os inimigos da patria: talvez ferido, mas gloriosamente, transpoz a ferrea e candente muralha, e eis que segue, feliz, para o templo, onde se proclamam immortaes os que, soffrendo e amando, consolam e illuminam.

J. Avelino Silva.

INDICE

VISIONARIO

| | Pág. |
|------------------------------|------|
| Alma Errante. | 11 |
| Bohemio | 19 |
| Evocação | 25 |
| Resurreição | 39 |
| Imagens : | |
| Maldição | 49 |
| Exodo | 51 |
| Teu nome | 53 |
| No campo | 55 |
| Nocturno | 57 |
| As ondas | 59 |
| As porteiras | 61 |
| As florestas | 63 |
| Os valles | 65 |
| As montanhas. | 67 |
| Canção de Inverno | 69 |
| Paizagem Espiritual. | 57 |

| Nupcias : | Pag. |
|--|------|
| I — Quando eu parti, si o vento solu- çava. | 83 |
| II — Tu foste um anjo de misericórdia . | 85 |
| III — Velha imagem do amor tyrannamen- te vario. | 87 |
| IV — Nessas tardes, amor, tão brandas e tão finas | 89 |
| V — Longe de ti, si vejo, porventura . | 91 |
| VI — Já viste, amor, na placidez dormente | 93 |
| VII — Abro a janella e vejo o firmamento. | 95 |
| VIII — Essa formosa e senhoril varanda. . | 97 |
| IX — Quando da vida os amplos horizon- tes | 99 |
| X — Verdes mares sem fim, céos trans- parentes | 101 |
| Transfiguração | 103 |

APPENDICE

ODE CIVICA

| | |
|--------------------------------------|-----|
| Na morte de Martins Junior | 113 |
|--------------------------------------|-----|

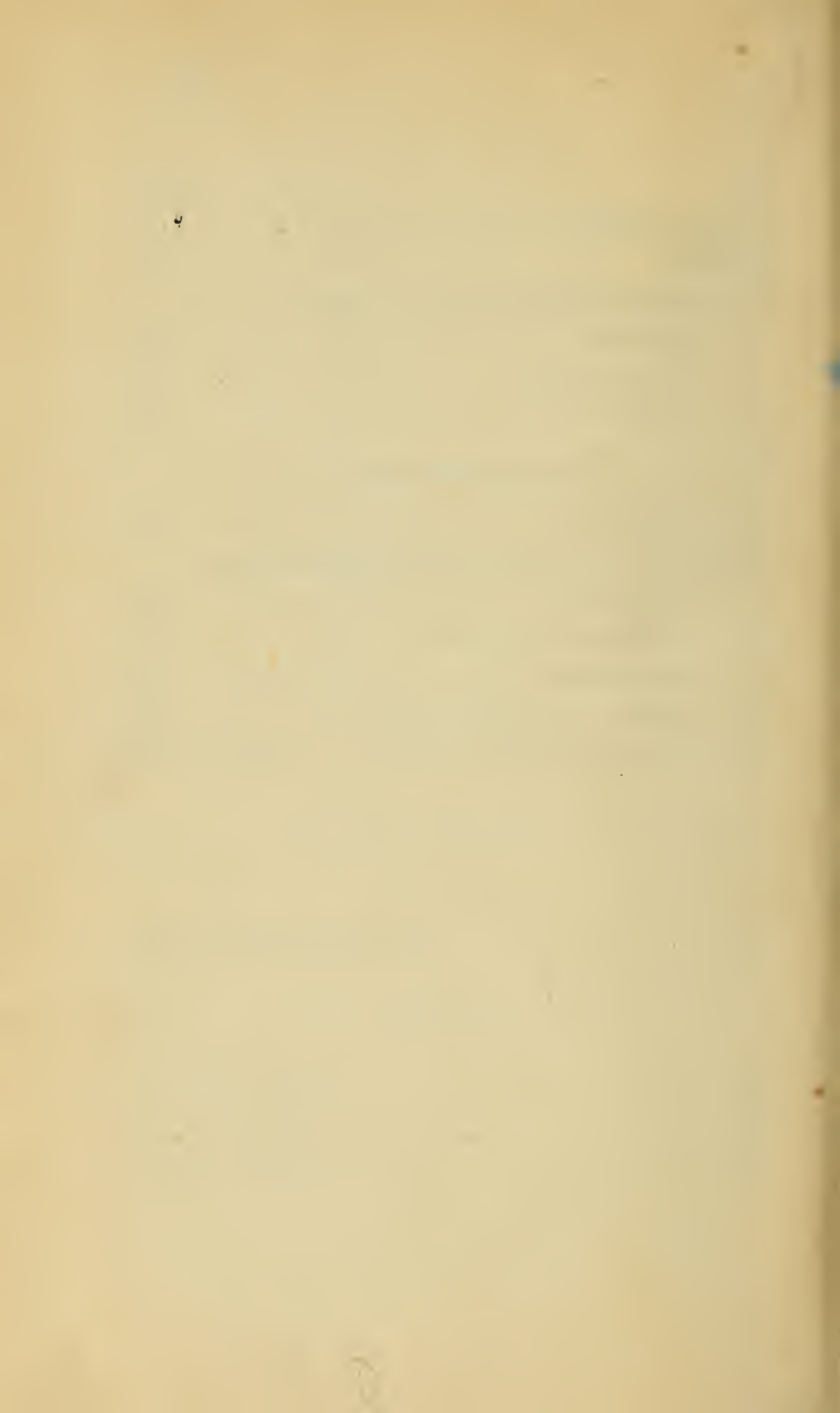
VERSÕES

| | |
|-------------------------------|-----|
| Canto do Outomno | 123 |
| As vozes das folhas. | 133 |
| Perfume exotico. | 139 |
| Antonio e Cleopatra | 141 |

| | Pag. |
|--|------|
| O somno do condor. | 143 |
| In excelsis | 145 |
| Traducções francezas por Henri Allorge : | |
| <i>Les forêts</i> | 149 |
| <i>Les montagnes</i> | 151 |
| <i>Transfiguration</i> | 153 |

BIBLIOGRAPHIA

| | |
|---|-----|
| Advertencia | 161 |
| Algumas das apreciações sôbre a primeira edição : | |
| «Visionario» | 165 |
| Matheus de Albuquerque | 181 |
| «Visionario» | 189 |
| Matheus de Albuquerque | 195 |
| Fragmentos de outras apreciações | 203 |



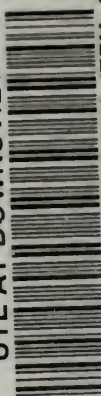
PQ
9697
A45V5
19--

Albuquerque, Matheus de
Visionario

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW



D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 03 05 009 1